

Ana Filipa Murteira Batista

**Os jovens nas três principais redações de jornalismo
radiofónico em Portugal – Estudo de caso da TSF, Antena1 e
Rádio Renascença**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação – Estudos de
Media e Jornalismo orientada pelo Professor Doutor Helder Bastos

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Maio de 2016

Os jovens nas três principais redações de jornalismo
radiofónico em Portugal – Estudo de caso da TSF,
Antena1 e Rádio Renascença

Ana Filipa Murteira Batista

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação – Estudos
de Media e Jornalismo orientada pelo Professor Doutor Helder Bastos

Membros do Júri

Professor Doutor Helder Bastos
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Helena Lima
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Ana Isabel Reis
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

*Ao jornalismo radiofónico em Portugal e a todos os jovens que amam o jornalismo e o
meio rádio*

Índice

Agradecimentos.....	6
Resumo	7
Abstract	8
Introdução.....	9
Tema e objetivos.....	9
Estrutura da dissertação.....	11
Capítulo I: Perfil sociológico dos jornalistas portugueses.....	12
O meio rádio.....	14
1. As novas gerações de jornalistas em Portugal.....	14
1.1) Retrato sociográfico dos jovens jornalistas.....	14
1.2) O ingresso na profissão de jornalista e a precariedade na profissão.....	15
Capítulo II: O ensino de jornalismo em Portugal.....	18
2. Problemas atuais na formação académica de jornalismo em Portugal.....	18
2.1) A inadequação da formação académica em relação ao Mercado de trabalho.....	21
Capítulo III: O jornalismo e as rotinas de produção na rádio informativa portuguesa.....	23
Capítulo IV: Metodologia.....	24
4. Caracterização das três principais rádios onde se pratica jornalismo radiofónico em Portugal: TSF, Antena 1 e Rádio Renascença (RR).....	26
4.1) A TSF.....	26
4.2) A Antena 1.....	27
4.3) Rádio Renascença (RR).....	28
Capítulo V: Apresentação de resultados.....	29
5.1) Perfil sociográfico dos jovens jornalistas em Portugal.....	29
5.1.1) Motivos que podem ter levado à falta de jovens nas três principais redações	30

5.2) Percurso e vias de acesso	31
5.3) Principais rotinas de produção.....	32
5.4) Preparação das redações para receber jovens aspirantes a jornalistas.....	33
5.5) Percepção profissional dos jovens jornalistas.....	36
5.5.1) Características essenciais que um jovem jornalista radiofónico de ter.....	36
5.5.2) Percepção e a opinião que os jornalistas, chefia e académicos/jornalistas na área têm dos jovens	37
5.5.3) Como os jovens jornalistas se sentem nas redações da TSF, RR e Antena1.....	40
Conclusões	42
Referências Bibliográficas	46
Apêndices	49
Apêndice I.....	50
Apêndice II.....	50
Apêndice III.....	69

Agradecimentos

Este trabalho simboliza o término de uma etapa, que teria sido impossível sem a ajuda, colaboração e apoio de algumas pessoas. Por este motivo, gostaria de deixar a minha gratidão:

Ao meu orientador Helder Bastos, pela paciência e eficácia na orientação, sobretudo nos momentos em que me senti mais perdida.

À Antena 1, à Rádio Renascença e à TSF, por toda a simpatia e disponibilidade que demonstraram ao responderem às minhas entrevistas semiestruturadas e, em especial, à diretora adjunta da Rádio Renascença, Raquel Abecasis, e à subdiretora da Antena 1, Maria de São José, por me terem proporcionado uma visita às instalações das respetivas redações. Agradeço, de igual forma, ao subdiretor da TSF, Pedro Pinheiro, pela predisposição que demonstrou ao arranjar forma de eu conseguir entrevistar as pessoas que necessitava via e-mail.

Aos académicos/profissionais de jornalismo: João Paulo Meneses, Isabel Reis e Luís Bonixe, pela disponibilidade demonstrada ao responderem às minhas entrevistas via e-mail.

À minha família, sobretudo aos meus pais, por todo o apoio que me deram e por terem sempre acreditado em mim.

A todos, muito obrigado.

Resumo

Através do estudo de caso das redações da TSF, Antena 1 e Rádio Renascença, com esta dissertação procuramos caracterizar e estudar os jovens que nelas trabalham. Tendo como metodologia entrevistas semiestruturadas, aos jovens, aos jornalistas e a elementos da chefia das três redações analisadas e estruturadas aos académicos/jornalistas na área. Concluiu-se que na TSF, Antena 1 e RR os jovens, globalmente, são poucos, têm mais de 25 anos, sendo o número de raparigas muito equivalente ao número de rapazes, têm carteira profissional e licenciatura em Jornalismo ou Ciências da Comunicação. Grande parte dos jovens jornalistas encontra-se a trabalhar no online ou em conteúdos multimédia e são contratados. A principal via de acesso dos jovens às redações é o estágio e, as suas rotinas de produção centram-se em editar textos e áudio para o online (os jovens que trabalham no online) e em filmar e editar vídeos (os jovens que trabalham na equipa de vídeo) saindo pouco, ou nenhuma vez, em reportagem. As redações das três rádios analisadas, na generalidade, estão preparadas para receber bem os jovens aspirantes a jornalistas, embora exista cada vez menos tempo para isso. E de uma forma geral, os elementos da chefia e os jornalistas da TSF, Antena 1 e RR, mostram-se muito satisfeitos com os seus jovens jornalistas, sentimento oposto tido relativamente aos estagiários, pois veem muitas falhas neles, sentindo que vêm mal preparados das universidades. Os jovens, no geral, manifestam sentirem-se valorizados pelos colegas jornalistas e pela chefia, sendo que não sentem nenhum tipo de discriminação por serem jovens, nem grandes problemas de inserção.

Palavras-chave: rádio, jornalismo, TSF, RR, Antena 1, Portugal, redações, jovens, jornalistas

Abstract

Through the case study of the newsrooms of TSF, Antena 1 and Radio Renascença, we try to characterize and study the young people. By having as a methodology semi-structured interviews, young people, journalists and members of the leadership of the three analysed radios and structured academics / journalists in the area. It was concluded that TSF, Antena 1 and RR young people, globally, have more than 25 years, the number of young girls are equivalent to the number of boys, they have work register booklet and a degree in Journalism and Communication Sciences. Much of the young journalists are working in online or multimedia content and are hired. The main access of young people to newsrooms is through internship, and their production routines focus on editing text and audio to put it online (young people working in online) and shoot and edit videos (young people working in the video team) leaving little or no time in reporting. The newsrooms of the three radios analysed, in general, are prepared to welcome aspiring young journalists, although there is less time for it. In general, the elements of leadership and the journalists of TSF, Antena 1 and RR, are very satisfied with their young journalists, opposite feeling as regards to the trainees, because they see many flaws in them, feeling that they come poorly prepared from their universities. Young people, in general, feel valued by fellow journalists and the leadership, and do not feel any kind of discrimination for being young, nor adaptation problems.

Key-words: radio, journalism, TSF, RR, Antena 1, Portugal, newsrooms, youth, journalists.

Introdução

Tema e objetivos

De uma forma geral, a nível nacional, e tal como José Rebelo (2011a) refere, “o jornalismo é hoje feito por um maior número de profissionais com carteira, por cada vez mais mulheres [...], e por pessoas com mais qualificações académicas”. Segundo José Rebelo (2011), o principal meio empregador é a imprensa e a média de idades dos jornalistas com carteira profissional, segundo dados de 2009, é de 42 anos. O facto da média de idade ser esta, pode ter a ver com diversos motivos, que tanto podem ser dificuldades de acesso à profissão, como de mobilidade ou precariedade profissional entre os que acederam à profissão mais recentemente. A partir do ano de 2000, o número de jornalistas com carteira profissional tem vindo a diminuir, sendo a crise o principal motivo disso. No meio rádio em específico, o número de profissionais entrou em queda em 2002.

No ensino de jornalismo atual existem vários problemas a ser colmatados, sobretudo o facto de não estar adequado às exigências do mercado de trabalho, que está em permanente mudança. Embora os estudantes dependam mais deles do que dos cursos que frequentam.

A maior parte dos jovens, quando chega ao mercado de trabalho, começa a aperceber-se do seu estatuto frágil pela precariedade a que está sujeito, o que leva à vontade de abandono da profissão de muitos deles.

Escolheu-se para tema desta dissertação, “Os jovens nas três principais redações de jornalismo radiofónico em Portugal – Estudo de caso da TSF, Antena1 e Rádio Renascença”, pois é algo que nunca foi investigado antes. Em geral, em Portugal, não existem muitos estudos académicos sobre novas gerações de jornalistas, nem sobre o meio rádio e nada que conjugue as duas juntas. Queremos também referir, que apesar de termos escolhido o intervalo etário dos 20 aos 30 anos, não estamos a querer dizer que os jornalistas com mais de 30 sejam “velhos”, apenas teve ser estabelecido um intervalo. O estudo desenvolvido foi feito através de entrevistas a profissionais, que trabalham em cada uma das rádios analisadas: a dois jornalistas, a um elemento da direção e a todos os jovens jornalistas. Foram ainda feitas entrevistas a três académicos/jornalistas na área, para se ter uma perspetiva dos jovens enquanto estudantes e enquanto estagiários também, entre outro tipo de informações. Assim, esta pesquisa alia elementos quantitativos (perceber quantos jovens existem nas três principais redações de jornalismo radiofónico em Portugal) e qualitativos (todos os

restantes dados adquiridos através das entrevistas realizadas). A entrevista foi a técnica de investigação utilizada nesta dissertação, pois ela “permite obter da parte dos interlocutores as percepções de um acontecimento ou de uma situação, bem como as suas experiências” (BONIXE,2012:76).

De forma a facilitar ainda mais o desenvolvimento desta investigação, optámos por colocar as seguintes perguntas e hipóteses. A saber:

1. Qual o perfil sociográfico dos jovens jornalistas das redações de rádio?

H1: Os jovens jornalistas de rádio serão poucos e maioritariamente do sexo feminino, terão entre os 25 e os 30 anos, serão licenciados e estarão a trabalhar sobretudo no online com vínculo laboral precário.

2. Qual a principal via de acesso dos jovens para chegarem a jornalistas nas redações de rádio?

H2: A principal via de acesso à profissão será o estágio profissional na redação de rádio onde cada jovem jornalista trabalha atualmente.

3. Quais as principais rotinas de produção de um jovem jornalista numa redação de rádio?

H3: Os jovens jornalistas radiofónicos estarão a trabalhar sobretudo em edição de textos para o online, editando pouco áudio e saindo pouco em reportagem.

4. As redações de rádio estão preparadas para receber jovens aspirantes a jornalistas, no sentido de lhes fornecer uma boa orientação profissional?

H4: As redações de rádio não estarão preparadas para receber jovens jornalistas, sobretudo, por não existir tempo para lhes proporcionar um acompanhamento adequado.

5. Qual a percepção que os jornalistas, chefia e académicos/jornalistas na área, têm dos jovens (estagiários e jornalistas) nas redações de rádio?

H5: A percepção que os jornalistas e a chefia das redações de rádio terão dos jovens jornalistas será positiva. Já os estagiários aspirantes a jornalistas, aqui já incluindo também uma percepção por parte dos académicos/jornalistas da área, não serão, na generalidade, tão bem vistos pois apresentarão mais falhas do que qualidades.

Estrutura da dissertação

Esta dissertação desenvolve-se em cinco capítulos centrais, não estando na contagem quer a introdução, quer a conclusão.

Num primeiro momento dedicamo-nos inteiramente à teoria, que abarca os capítulos “Perfil sociológico dos jornalistas portugueses”, “O ensino de jornalismo em Portugal” e “O jornalismo e as rotinas de produção na rádio informativa”.

Por sua vez, na segunda parte centramo-nos na metodologia desta investigação, e na apresentação de resultados com os dados recolhidos através das entrevistas feitas para esta investigação.

Relativamente à parte teórica, no capítulo “Perfil sociológico dos jornalistas portugueses”, traçamos o perfil sociológico dos jornalistas portugueses, abordando especificamente as novas gerações de jornalistas e o ingresso na profissão de jornalista e a precariedade na profissão. No capítulo “O ensino de jornalismo em Portugal” falamos um pouco da história e definimos quais os principais problemas do ensino de jornalismo em Portugal. No capítulo “O jornalismo e as rotinas de produção na rádio informativa”, falamos sobre as rotinas de produção no jornalismo em geral e no meio rádio em específico.

Referindo-nos agora à parte prática desta dissertação, no capítulo “Metodologia”, apresentamos os métodos utilizados para chegarmos às conclusões finais e é feita a caracterização das três principais rádios de informação em Portugal (TSF, RR e Antena1), enquanto que no capítulo “Apresentação de resultados”, são esmiuçados os resultados do nosso estudo prático feito através de entrevistas realizadas para esta investigação.

E por fim, na conclusão, poderemos confirmar ou infirmar as perguntas e hipóteses acima referidas.

Capítulo I: Perfil sociológico dos jornalistas portugueses

Para esta dissertação, torna-se fundamental fazer uma contextualização teórica do perfil sociológico dos jornalistas portugueses. E o investigador José Rebelo, que coordenou a obra “Ser jornalista em Portugal – perfis sociológicos”, fez precisamente isso, baseando-se em dados do 1º (1990) e 2º (1997) inquéritos nacionais aos jornalistas portugueses, em dados da Comissão de Carteira Profissional de Jornalista (CCPJ) de 2006 e de 2009 e em 47 entrevistas realizadas em 2006, 2007 e 2008. Sempre que possível e durante esta contextualização, iremos sobretudo realçar os dados de 2009, pelo facto de serem mais recentes e o meio rádio, pelo destaque que tem nesta dissertação.

No que diz respeito ao número de jornalistas em atividade, José Rebelo (2011:43) concluiu na sua investigação que de 1987 a 2009, houve um crescimento de jornalistas em atividade constante até 2006 e um declínio a partir de então.

Já no que refere à repartição dos jornalistas por género, segundo dados do Sindicato dos Jornalistas e da CCPJ, de 1987 a 2009, os homens pertencentes à profissão foram sempre superiores às mulheres. Embora se denote que a distância entre os dois géneros foi-se tornando cada vez menor, dos 6917 jornalistas habilitados pela CCPJ, em 31 de Dezembro de 2009, 4103 (59,3%) eram homens e 2814 (40,7%) mulheres (REBELO, 2011).

Relativamente à repartição dos jornalistas por grupos etários, o mais interessante de realçar é que, em 2009, o número de jornalistas com menos de 29 anos foi praticamente igual ao número dos tinham mais de 55 anos. A média de idades dos profissionais habilitados pela CCPJ, em 2009, era de 42 anos (REBELO, 2011). “A concentração etária dos profissionais nos 30 anos tem como paralelo a menor representação na faixa imediatamente anterior (25-29 anos inclusive): 7,8% em 2009 e 11,4% em 2006” (REBELO, 2011:60). Estes dados podem indicar dificuldades de acesso ou mobilidade/ precariedade profissional entre os que acederam à profissão mais recentemente (*Ibid.*).

Já no que diz respeito à repartição dos jornalistas por meio, “segundo dados da CCPJ, a distribuição percentual dos jornalistas pela imprensa, televisão e rádio manteve-se estável entre 2006 e 2009” (REBELO, 2011:51). O autor concluiu também que o principal meio empregador é a imprensa.

A partir de 2000, começou a ser notório que o número de jornalistas com carteira profissional tem vindo a diminuir (REBELO, 2011:68). José Rebelo, numa entrevista à agência Lusa, falou sobre os motivos que podem ter levado a essa diminuição e tais poderão ter sido: a crise e o desenvolvimento de grupos multimédia, que têm como principais consequências a redução de postos de trabalho (REBELO, 2011a). Rebelo (2011:42) também concluiu que houve uma “maior mobilidade dos que entraram na profissão entre 2002 e 2006, e que nela permaneceram por períodos mais reduzidos de tempo, o que indica maior instabilidade de emprego”. O investigador (2011:43) aponta como razões deste fenómeno, “o recurso ao trabalho precário pelas empresas, o incremento do nível de habilitações académicas, em alguns casos especializadas, dos candidatos a jornalistas e a procura de oportunidades de trabalho em sectores da comunicação extra-jornalismo”. “De 2006 a 2009, 551 jornalistas profissionais deixaram o ofício” (REBELO, 2011:56). Já os jornalistas estagiários habilitados com o título provisório, principalmente no final da primeira década do século XXI, aumentaram. José Rebelo explica este aumento por existir uma “diminuição da oferta de emprego permanente e remunerada [...] já que, em diversas empresas, o trabalho é feito, em grande parte, por estagiários, mais baratos e com muito menor capacidade de reivindicação” (*Ibid.* 56).

Já falando de habilitações académicas, José Rebelo diz não existirem dúvidas quanto ao nível elevado de habilitações académicas dos jornalistas habilitados com título profissional. Em 2009, existiam 209 jornalistas com mestrado e 23 com doutoramento. Surge aqui, como relevante destacar, a mulher no meio académico e a multiplicação de cursos em Ciências da Comunicação, Jornalismo e Comunicação Social, pois:

“A mulher jornalista é, em grande parte das vezes, licenciada ou bacharel. Tal constatação reflete, aliás, a frequência dos numerosos cursos de jornalismo, comunicação social ou ciências da comunicação espalhados pelas universidades públicas e privadas, assim como pelos institutos politécnicos: nas salas de aula, o número de jovens jornalistas do género feminino suplanta, de longe, o número de jovens estudantes do género masculino” (REBELO, 2011:81).

De uma forma geral, há, de facto, gente mais qualificada mas com grandes níveis de precariedade também REBELO (2011a).

No que refere às situações profissionais dos jornalistas portadores de título profissional, e de acordo com dados de 2009, do total de jornalistas em regime livre, 598 tinha um título profissional, 47 de colaborador especializado (mais homens do que

mulheres e trabalhavam, sobretudo, em regime livre), 91 de colaborador regional e 44 de estagiários (mais mulheres do que homens e trabalhavam, sobretudo, por conta de outrem) (REBELO, 2011).

O meio rádio

No que diz respeito ao meio rádio, de 1988 a 1989, o número de profissionais duplicou e estabilizou de 1990 a 1996, tendo entrado em queda em 2002. De importância recordar que, de 1987 a 1991, legalizaram-se as «rádios pirata», tendo existido, entre estes anos, um aumento substancial do número de profissionais com carteira profissional e que, em 2006, a rádio perdeu o segundo lugar no meio com mais jornalistas para a televisão, muito pelo aparecimento de canais por cabo.

É também na rádio que existe o menor número de licenciados e bacharéis. Tendo, também, uma baixa percentagem de desempregados e de profissionais em regime livre (REBELO, 2011).

1. As novas gerações de jornalistas em Portugal

O investigador José Rebelo fez uma segunda incursão pelo universo jornalístico, com vários participantes envolvidos. Da investigação sobre o “Perfil Sociológico dos Jornalistas Portugueses”, já abordada nesta investigação, surgiu a ideia, mais recente, de aprofundar o conhecimento dos mais jovens (os jornalistas que nasceram depois de 1975, ou seja, os que ingressaram na profissão na mudança do século).

Os resultados do inquérito feito aos jovens jornalistas proporcionam uma interessante reflexão sobre o seu sentir face ao contexto laboral em que estão inseridos (PACHECO & FREITAS *apud* REBELO, 2014:33). Grande parte dos jovens inquiridos tinham uma imagem da profissão muito longe de corresponder à realidade (ANDRINGA *apud* REBELO, 2014:75).

1.1) Retrato sociográfico dos jovens jornalistas

Na generalidade, os jovens jornalistas portugueses são:

“Maioritariamente do género feminino (63,5%), com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos (69,3%), licenciados (71,3%), a maioria obteve carteira profissional

antes dos 25 anos e a quase totalidade (97,9%) fez estágio. Uma percentagem considerável iniciou a carreira em órgãos de informação locais, e poucos são os que conseguiram dar o salto para órgãos de difusão nacional. Cerca de metade dispunha de um contrato de trabalho sem termo (o que equivale a dizer que a outra metade estava, profissionalmente, em situações de precariedade) e apenas 7,6% se declaram no desemprego. São ainda, tecnicamente, polivalentes (80% trabalham para mais do que uma plataforma) e o seu índice de sindicalização gira em torno dos 17,5%.” (ANDRINGA *apud* REBELO, 2014:4)

No que diz respeito à distribuição dos jovens jornalistas por tipo de meio (2012), eles predominam na imprensa (41%) sendo a sua presença em rádio muito diminuta (6,6%) (ANDRINGA *apud* REBELO, 2014:86).

1.2) O ingresso na profissão de jornalista e a precariedade na profissão

A legislação, no que diz respeito à atividade jornalística em Portugal, não exige um diploma em jornalismo para o exercício da profissão. Mas, e cada vez mais, os novos profissionais na área são oriundos de cursos de comunicação e jornalismo (PINTO, 2004:56).

Em Portugal, a única condição que está consagrada na lei para o exercício da profissão é a detenção de uma carteira profissional, que é emitida e renovada pela Comissão de Carteira Profissional de Jornalista (CANAVILHAS, 2009:55).

Segundo o Estatuto do Jornalista (artigo 2º e artigo 1º, nº1) “podem candidatar-se ao título profissional os cidadãos maiores de 18 anos que provem fazer do jornalismo a sua atividade principal, permanentemente e remunerada e que tenham realizado um estágio (Artigo 5º, nº1 do Estatuto do Jornalista) com a duração de 12 meses, em caso de licenciatura na área da comunicação social ou em curso equivalente, ou de 18 meses nos restantes casos.” (REBELO, 2011:55)

A profissão de jornalista é, em todo o mundo, muito desregulada no que diz respeito “à definição de estratégias comuns de ingresso numa atividade” (GRAÇA, 2007:51). A investigadora Sara Graça (2007:58) afirma ainda, referindo-se sobretudo ao caso português, que o acesso à profissão é “difuso e desestruturado nos seus próprios profissionalizantes”. No que diz respeito ao acesso à profissão, a investigadora refere que as vivências jornalista-empresa acabam por ser mais relevantes do que a qualificação universitária. E, tal como o jornalista Carlos Daniel refere num vídeo do site da plataforma educativa “Ensina RTP” sobre jovens jornalistas (<http://ensina.rtp.pt/artigo/a-historia-da-radio/>), a realidade é que o

jornalismo é uma atividade que se constrói com a prática e que depende da forma como os jovens enfrentam o mercado de trabalho. Os estudantes dependem mais deles do que dos cursos que frequentaram.

Nos dias de hoje, os jovens para ingressar na profissão têm de mostrar disponibilidade imediata, têm de passar por longos períodos experimentais gratuitos e, ainda, pelo voluntarismo não tendo, mesmo assim, garantias de entrada no mercado de trabalho (CORREIA *apud* FERNANDES, 2007:42). Portanto, estamos perante jovens candidatos a jornalistas, completamente amarrados às causalidades do mercado (GRAÇA, 2007:56).

Em suma, os processos de ingresso na profissão de jornalista evidenciam um cenário de grande fragilidade no jornalismo e nos jornalistas (GRAÇA *apud* GARCIA, 2009:165).

“Aqueles que acabam de chegar à profissão confrontam-se desde o início com sobreoferta de aspirantes ao jornalismo, formas de recrutamento pouco criteriosas, precariedade laboral, polivalência multiforme, atividades extraprofissionais, flexibilização e expectativas frágeis.” (GARCIA, MARMELEIRA, MATOS *apud* REBELO, 2014:10)

Existem vários fatores que explicam a precariedade na profissão, tais como: “a crise dos media [...]; o desenvolvimento de estratégias de concentração e queda das receitas de publicidade” (PACHECO & FREITAS *apud* REBELO, 2014:5).

Os jovens jornalistas vivem numa grande incerteza profissional, relacionada com as situações de precariedade laboral em que vivem. A sua realidade baseia-se em estágios intermináveis, ausência de contratos ou de contratos de curta duração, recibos verdes, sendo que estão, ainda sujeitos, a um enquadramento autónomo no trabalho, que até pode ir contra as suas aspirações, a um desdobramento em tarefas distintas, sendo também mal pagos (GARCIA, MARMELEIRA & MATOS *apud* REBELO, 2014: 17 E 18).

Nos dias de hoje, “é mais lucrativo contratar um jovem jornalista a prazo ou a recibos verdes que, por se encontrar nessa situação, se sujeita mais facilmente a salários reduzidos e a horas extraordinárias, do que manter um jornalista com anos de casa, com um estatuto derivado dessa experiência e muito provavelmente sindicalizado.” (GARCIA, MARMELEIRA & MATOS, 2014:6)

Assiste-se hoje, a milhares de jovens aspirantes a jornalistas a ingressar numa redação a qualquer preço, a saltar de emprego em emprego, estando em situações de precariedade laboral (FIGUEIRA&GRANADO, 2007:33). E as consequências dessa

precariedade são avassaladoras, pois “perpetuam a fragilidade do mercado de trabalho em constante asfixia” (GRAÇA *apud* GARCIA,2009:165), podendo mesmo afetar a própria qualidade da informação que é produzida (TEIXEIRA,2009/2010). Pedro Diniz de Sousa e Vanda Ferreira, na investigação organizada por José Rebelo (2014:7), abordam dois efeitos devastadores da precariedade laboral neste meio: a proletarização (que está relacionada com o facto dos jovens jornalistas se sentirem cada vez mais numa cadeia de produção em que desempenham funções desprovidas de qualquer criatividade e sem perspetiva de conjunto) e a desprofissionalização (que está relacionada com o facto de alguns jovens referirem que os jornalistas estão a ser transformados em meros produtores de conteúdos, o que pode levar a dispensar jornalistas, substituindo-os a curto prazo, por não jornalistas).

Um jovem aspirante a jornalista quando chega ao mercado de trabalho começa logo a perceber que está num estatuto desprotegido e muito frágil, e que pela precariedade a que está sujeito começa a perder os seus horizontes de carreira (FIGUEIRA & GRANADO, 2007:32). E a investigação feita sobre as novas gerações de jornalistas em Portugal, revela dados que comprovam isso mesmo, mais de 63% dos jovens inquiridos já pensaram abandonar a profissão, sendo que o principal motivo apontado foi o de “baixa remuneração”, tendo sido apontados outros motivos, alguns de carácter mais psicológico, tais como “o desgaste físico e psicológico”, “o pouco tempo com a família”, entre outros. (PACHECO & FREITAS *apud* REBELO, 2014: 34). Há outros dados, igualmente perturbantes, que denotam uma consciência da fragilidade do vínculo laboral nos jovens, pois cerca de 62% dos inquiridos considera a hipótese de ficar no desemprego num futuro próximo (PACHECO & FREITAS *apud* REBELO, 2014: 33). E quando os jovens jornalistas foram questionados sobre um possível regresso à profissão, cerca de 65% entende isso como pouco provável ou nada provável (PACHECO & FREITAS *apud* REBELO, 2014: 34).

E se, tal como José Rebelo (2011:66) referiu, “primeiro todos julgavam poder ser jornalistas, mesmo que isso implica-se contratos a prazo, recibos verdes e, até, estágios não pagos”, agora estamos perante um mercado de trabalho muito superlotado, havendo uma quase “impossibilidade de se exercer a profissão”.

Capítulo II: O ensino de jornalismo em Portugal

O ensino de jornalismo tem uma história recente em Portugal, resultado de um percurso atribulado e do papel inferiorizado dos jornalistas na sociedade portuguesa (GARCIA, 2009:157).

O ensino de jornalismo teve um forte crescimento nos anos noventa, tendo sofrido alterações na primeira década do século XXI (a partir de 2005, iniciaram-se as adaptações dos cursos a Bolonha), de forma a acompanhar as transformações que se verificavam, e que se continuam a verificar, no jornalismo português (CANAVILHAS, 2009:59).

O ensino superior nacional de jornalismo tem contribuído para a melhoria do nível de habilitações dos jornalistas e da sua qualidade, e teve um papel relevante no aumento de jornalistas no país (CANAVILHAS, 2009:56). Mas é relevante lembrar que os cursos de jornalismo não formam profissionais em jornalismo, formam sim “estudantes para que estes, entre outras coisas, sejam capazes de se fazerem bons jornalistas” (COENTRÃO, 2009:61). “É certo que a profissão é o futuro do aluno, representando o curso o seu passado, mas os cursos afirmam-se, cada vez mais, como uma máquina de geral licenciados a quem perdem o rasto, que não cativam e em quem fomentam avaliações emocionais negativas” (COELHO, 2013:524).

Em Portugal, existem vinte e sete instituições que lecionam Jornalismo, Ciências da Comunicação e Comunicação Social (nove Universidade Públicas, sete Institutos Politécnicos Públicos, sete Universidades Privadas e quatro Institutos Superiores Politécnicos Privados). Hoje, assistimos a uma proliferação de licenciados nesta área, a enfrentar o drama do desemprego.

2. Problemas atuais na formação académica de jornalismo em Portugal

“Não é difícil apontar o que um jornalista precisa de saber. O que é realmente complicado é saber como transmitir esse saber fazer. A maioria dos cursos superiores em Ciências da Comunicação que incluem a variante Jornalismo, agarram uns pós de Ciências Sociais, outros de Ciências da Comunicação, misturam com um pouco de prática jornalística, atiram tudo para um pote e esperam que resulte.” (BATISTA *apud* ANDRINGA, 2013: 222)

É importante olhar para as boas e más experiências no ensino de jornalismo e conseguir chegar a melhores modelos de aprendizagem da profissão, e tal como Figueira e Granado (2007,34) dizem, não fazer nada no atual estado de ensino de jornalismo, é “desonestidade intelectual e um crime de lesa-educação”. Por isso, nesta dissertação, tentou-se fazer um levantamento de todos os principais problemas que existem na formação académica nacional de jornalismo, numa tentativa de se perceber onde se tem de agir para o seu melhoramento. É importante relembrar, que refletir sobre a formação dos futuros jornalistas, é discutir o próprio jornalismo (PINTO, 2004:58).

Em Portugal, no ensino de jornalismo, existe uma “insuficiência de cadeiras profissionalizantes”, o que denota um desequilíbrio entre a “teoria” e a “prática” (GRAÇA, 2007:136). Sendo um facto preocupante, pois, e de uma forma geral, e no que diz respeito ao acesso à profissão, a “prática” está a substituir o saber académico (GRAÇA, 2007:86).

“Os cursos de jornalismo têm necessariamente de ter uma dimensão importante de prática profissionalizante, experimental, laboratorial e interativa, simulando, inclusivamente, o ambiente empresarial, o que possibilitará ao estudante aprender com os seus erros e procurar as melhores soluções para os problemas jornalísticos que enfrentará.” (SOUSA:7)

É importante que as empresas de comunicação sintam confiança na formação dos futuros jornalistas, os alunos não devem sentir necessidade de procurar formação em centros de formação profissional, como o Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas (Cenjor)¹ (SOUSA:7). Aliás, as universidades devem procurar fornecer uma formação contínua, muito pela necessidade de atualização de conteúdos e, tal como acontece no Cenjor, deveriam contratar mais professores a exercer a profissão de jornalista (SOUSA:8).

Na formação universitária de jornalismo, assiste-se hoje também, a uma inserção do jornalismo num vasto campo da comunicação, o que pode trazer consequências graves, pois, em vez de jornalistas poderemos estar a criar “comunicadores generalistas” (FERNANDES, 2007:30).

“Ainda que o jornalismo e a própria ação jornalística, neste nosso tempo, possam ter sido, de alguma forma, contaminados pelas relações públicas e pelas técnicas de marketing, em nome da busca incessante de audiências, a

¹ O CENJOR é um centro de formação para jornalistas que faz a ponte entre a teoria e a prática e entre o saber académico e o saber na prática (CRESPO *apud* JÚNIOR, MALULY & OLIVEIRA, 2013:69)

raiz etimológica dos campos, em nome da sobrevivência do próprio jornalismo, deve permanecer distinta.” (COELHO *apud* JÚNIOR, MALULY & OLIVEIRA, 2013: 82)

Em algumas instituições de ensino de jornalismo em Portugal denota-se, ainda, uma falta de reação à nova realidade digital (CANAVILHAS, 2009:61). “Ser multitarefa e multiplataforma é hoje uma necessidade para qualquer jovem jornalista, pelo que o ensino só tem uma saída: formar profissionais para esta nova realidade” (CANAVILHAS, 2009:62).

Outro problema na formação académica de jornalismo, referido num trabalho investigativo do jornalista Pedro Coelho, é a “explosão de cursos e vagas” (COELHO *apud* JÚNIOR, MALULY & OLIVEIRA, 2013: 101). O jornalista afirma mesmo que “nenhuma entidade controlou, com eficácia,” essa “explosão”. E melhor constatação disto, tal como Pedro Coelho (2013: 101) reforça, é a oferta maximizada de cursos a que estamos a assistir, que, em muito supera as necessidades do mercado.

É importante que a formação académica seja o mais completa possível e que o próprio estudante possa escolher algumas disciplinas de forma a construir o seu percurso, pois é outro problema a que se assiste hoje nas Universidades (TEIXEIRA, 2009/2010). Aliás, é importante que os estudantes construam os seus currículos de maneira a procurarem diferenciar-se dos restantes, para conseguirem atrair maior atenção de um possível empregador (SOUSA:8).

Outra falha nas licenciaturas da área em Portugal é o facto de existirem poucas cadeiras, pós-graduações e mestrados voltados para áreas “especializadas” do jornalismo. Atualmente existem algumas pós-graduações em áreas específicas do jornalismo na Universidade Nova de Lisboa (jornalismo económico, desportivo e judiciário), mas deveriam existir muitas mais (FERNANDES, 2007:40).

Os cursos de jornalismo têm de fomentar, talvez muito mais do que outros, a mobilidade internacional de estudantes e professores, mas o que se assiste nas universidades nacionais de jornalismo é a um fraco confronto internacional. Essa mobilidade, nos estudantes, estimularia a capacidade de conhecer e ler o mundo e de se abrir ao diferente e, aos professores, permitiria beneficiarem dos conhecimentos dos colegas, formarem redes de investigação, conhecimento e competências e terem contacto com as experiências de ensino-aprendizagem do jornalismo que se faz pelo mundo (SOUSA:7).

Outro problema a referir é o facto de existirem ainda muitas universidades a exigirem poucos dos aspirantes a jornalistas e o caminho deve ser o contrário, as universidades têm de exigir aos estudantes muito trabalho, pois eles têm de perceber e sentir que a vida de jornalista é de contínuo esforço e estudo (SOUSA:8).

2.1) A inadequação da formação académica em relação ao Mercado de trabalho

Este é, talvez, o problema de maior dimensão na formação académica nacional em jornalismo e é, por essa razão, o mais desenvolvido nesta dissertação. E dentro desta problemática, há uma questão que se continua a colocar: O ensino superior jornalístico está a formar jornalistas que as redações querem?

Nos dias de hoje, é indispensável perceber-se que a comunidade académica e as empresas de comunicação têm de ser complementares. E devido à falta de ajustamento entre as licenciaturas em jornalismo e o mercado de trabalho, o Cenjor tem surgido, muitas vezes, como o complemento que falta aos jovens licenciados (CRESPO *apud* JÚNIOR, MALULY & OLIVEIRA, 2013: 70).

A atual crise, as transformações do jornalismo em todo o mundo e as características do mercado de trabalho para os jornalistas recém-licenciados, têm de fazer pensar os jornalistas e, principalmente, os professores de jornalismo, num caminho para uma redefinição do papel do ensino português de jornalismo (SCHUCH, 2000). As redações esperam que as universidades formem jovens com boas competências técnicas e práticas, e não que se centrem apenas no conhecimento (COELHO, 2013:270).

Atualmente, ainda há muitas universidades a confeccionar os seus cursos de acordo com os recursos humanos de que dispõem, e não em função de um mercado potencial (SOUSA:6). Mas é um facto que, no geral, a Academia está cada vez mais focada numa aproximação das necessidades do mercado ficando, inclusive, refém delas (COELHO, 2013:280). Aliás, o investigador e jornalista Pedro Coelho fala na existência de um dilema contraditório na formação académica de jornalismo, o de “servir o mercado e ao mesmo tempo resistir-lhe” (COELHO, 2013:255). A investigação em jornalismo também pode ser um ponto fulcral para redefinir o papel do ensino de jornalismo em Portugal e o professor e investigador João Canavilhas (2009:65), fala nisso mesmo, referindo ser importante que o papel dos investigadores

não se cinja só a acompanhar o comportamento do mercado, mas sim, e sobretudo, o de estar à frente dele.

Em suma, torna-se essencial para uma reestruturação do campo jornalístico, criarem-se pontes entre a universidade e o mercado, que se apresenta cada vez mais dinâmico e em permanente mudança (COELHO, 2013:125).

Capítulo III: O jornalismo e as rotinas de produção na rádio informativa portuguesa

A rádio ainda é um importante fornecedor de notícias e o seu maior atributo é a “capacidade de acompanhar em permanência os acontecimentos” (BONIXE, 2012:54).

“Na rádio portuguesa é notícia o que os jornalistas captam ao colocarem em ação o seu dispositivo de informação, que é baseado nas formas de organização dos turnos de trabalho em função de vários elementos: o fator tempo (tentativa de captar a atualidade, o que está a acontecer agora); o carácter sonoro (procura de protagonistas que produzam declarações, o bom som); a imposição do formato (os jornalistas da rádio têm pouco tempo para dizer muita coisa, a tendência é para a brevidade enunciativa) ” (BONIXE, 2012:175).

É, portanto, necessário que os jornalistas tenham práticas e rotinas que garantam o sucesso do seu dispositivo informativo, mas não deixa de ser relevante terem uma agenda previamente definida de forma a assegurar que nada vai falhar à hora certa, o que é indispensável, pois os jornalistas lidam diariamente com uma matéria-prima variável e imprevisível (BONIXE, 2012:55).

A rádio tem um dispositivo comunicacional flexível, mas que também a torna rígida, daí os jornalistas criarem um “esqueleto no dia anterior daquilo que poderá ser o dia seguinte” (BONIXE, 2012:99). Esse esqueleto resulta, sobretudo, da agenda de acontecimentos criada pela própria rádio a partir da atualidade, dos jornais do dia, das agências noticiosas e das reuniões formais ou informais realizadas entre jornalistas do mesmo turno, entre os editores e entre as chefias” (BONIXE, 2012:97). O recurso a estas fontes de informação permite que os jornalistas adquiram uma certa margem de segurança, pois não ficam “dependentes de acontecimentos ocorridos durante a faixa horária de trabalho de determinada equipa” (BONIXE, 2012:93).

Mas a ocorrência de acontecimentos imprevistos, assumirão sempre um carácter prioritário nos noticiários em rádio (BONIXE, 2012:97).

Em Portugal, os noticiários das rádios Antena 1, TSF, e Rádio Renascença estão organizados de forma muito idêntica quanto à estrutura do seu alinhamento” (BONIXE, 2012: 85). Cada turno de trabalho de cada uma destas rádios “são liderados por um editor que coordena a equipa, edita e apresenta os noticiários e há sempre, pelo menos, um dos turnos que é editado a partir da redação do Porto” (BONIXE, 2012: 91e 92).

Capítulo IV: Metodologia

Qualquer trabalho de investigação pressupõe uma metodologia específica e que deve ser a mais adequada possível à investigação.

A metodologia diz respeito “à lógica processual com que uma determinada pesquisa científica é desenhada e desenvolvida” (SOUSA, 2006:626).

E, neste caso, temos um estudo de caso das rádios TSF, Rádio Renascença (RR) e a Antena 1. “O estudo de caso é a exploração de um “sistema limitado”, no tempo e em profundidade, através de uma recolha de dados profunda envolvendo fontes múltiplas de informação ricas no contexto (CRESWELL *apud* COUTINHO, 2011:295).

Nesta dissertação, o nosso objeto de estudo são os jovens jornalistas nas três principais redações de jornalismo radiofónico em Portugal: a TSF, a Rádio Renascença (RR) e a Antena 1. Os estagiários, ou seja, os jovens aspirantes a jornalistas, também acabam por ter alguma participação nesta investigação, mas sempre numa perspectiva opinativa de outros (neste caso de elementos da chefia, jornalistas e académicos/jornalistas na área). Escolhemos estas três redações de rádio por serem as emissoras, que, no contexto nacional, mais tempo de emissão e recursos destinam para a informação jornalística (BONIXE, 2012:72). E porque não deixam de ser rádios de origens e inspirações diferentes, pois uma pertence ao Estado (a Antena 1), outra pertence à igreja católica (a RR) e uma outra é privada (a TSF). E preferimos, especificamente, as redações de Lisboa de cada uma das rádios, pois é lá que se situam as suas sedes e principais redações onde trabalham, portanto, mais jornalistas.

Para esta investigação foi efetuado o cruzamento de algumas informações através da realização do nosso único instrumento de recolha de dados, as entrevistas semiestruturadas², aos jovens das três redações anteriormente referidas, a dois jornalistas e a um elemento da chefia de cada uma delas³.

Nas entrevistas semiestruturadas a colocação das questões não é feita de forma rigorosa em função de um guião que o entrevistado possui (Quivy e Campenhoudt, 2005). Este género de entrevistas permite algum controlo sobre as respostas do entrevistado, mas, ao mesmo tempo abre espaço à liberdade de respostas do entrevistado. As questões que foram elaboradas foram sendo adaptadas ao contexto e

² As entrevistas semiestruturadas encontram-se no Apêndice II

³ Tabela dos entrevistados encontra-se no Apêndice I

às respostas do entrevistado. O nosso objetivo foi o de estabelecer algum tipo de “relação social” com o entrevistado, a fim de conseguir respostas mais ricas, obtendo assim respostas o mais honestas possíveis.

“Após cada uma das suas intervenções, o entrevistador acompanha a progressão do pensamento do interlocutor, vinca o seu apoio e a sua compreensão, convidando deste modo o sujeito a exprimir o seu pensamento profundo. Porém, nem tudo o que o entrevistado diz é tomado em conta da mesma forma, porquanto o entrevistador seleciona de entre as afirmações do entrevistado o que se refere ao objeto de estudo” (Ruquoy, D., 1995:111).

Os jovens entrevistados tinham de ter idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos e os jornalistas entrevistados foram os que se mostraram mais disponíveis e os mais interessados na investigação. As entrevistas aos jornalistas e a um elemento da chefia foram de importância nesta investigação, para chegarmos a uma visão mais geral dos jovens. Nesta investigação não nos interessava apenas saber sobre os jovens, do que pensam e de como se sentem nas redações perante os colegas e chefia, mas também de como são vistos e tratados nas redações. O nosso objetivo foi obter dados comparáveis de diferentes participantes e jogar com isso para chegar a conclusões.

Posteriormente, ainda foram elaboradas entrevistas estruturadas a académicos/jornalistas na área⁴, pois faltava-nos essa visão e prisma dos jovens. Todas as entrevistas foram efetuadas em Maio de 2015, tendo sido feitas presencialmente na Antena 1 e na RR, tendo passado um dia em cada uma das redações, sendo que as da TSF e as dos académicos/jornalistas, foram efetuadas via e-mail. Ao todo foram analisadas 21 entrevistas, 7 na Antena 1, 7 na RR, 4 na TSF e 3 aos académicos/jornalistas. Através do método qualitativo pretendemos interpretar o conjunto de informações recolhidas a partir das entrevistas. A principal vantagem desta estratégia assenta na possibilidade de obter informações que dificilmente seriam identificadas através de outro método.

O propósito da investigação qualitativa é compreender os fenómenos na sua totalidade e no contexto em que ocorrem, pelo que pode acontecer que só se conheça o foco do problema depois de se começar a pesquisa ou trabalho de campo: à medida que se fazem observações e entrevistas vão sendo identificados os temas relevantes e padrões que se tornam a partir de então o foco da atividade do investigador e o alvo de observações mais intensas e sistematizadas” (COUTINHO, 2011:289).

⁴ As entrevistas aos Académicos/ jornalistas na área encontram-se no Apêndice III

Embora, também se aplique nesta investigação o método quantitativo, na medida em que se investiga a quantidade de jovens que existe em cada redação analisada. O cruzamento entre estes dois métodos de análise, deve ser sempre feito “tendo em conta as hipóteses e perguntas de investigação oportunamente colocadas” (SOUSA, 2006:679), que foram inúmeras na introdução desta dissertação. Este estudo procura responder, relembramos, a cinco questões primordiais: Qual o perfil sociográfico dos jovens jornalistas das redações de rádio? Qual a principal via de acesso dos jovens para chegarem a jornalistas nas redações de rádio? Quais as principais rotinas de produção de um jovem jornalista numa redação de rádio? As redações de rádio estão preparadas para receber jovens aspirantes a jornalistas, no sentido de lhes fornecer uma boa orientação profissional? Qual a perceção que os jornalistas, chefia e académicos/jornalistas na área, têm dos jovens (estagiários e jornalistas) nas redações de rádio?

4) Caraterização das três principais rádios onde se pratica jornalismo radiofónico em Portugal: TSF, Rádio Renascença (RR) e Antena 1

Grande parte das rádios em Portugal segue a máxima de muita música e pouca informação (BONIXE, 2012:59). E os resultados da vaga de Dezembro de 2015, do estudo *Bareme Rádio* da Marktest, dão razão a este modelo, pois as rádios com maior share de audiência são a RFM e a Rádio Comercial (MARKTEST, 2015).

As emissoras, no contexto nacional, cujo seu principal conteúdo é a informação, são a TSF, a Rádio Renascença e a Antena1 (BONIXE, 2015:72). E apesar de uma rádio ser de serviço público, outra de inspiração cristã e outra privada, essas especificidades apresentam-se como secundárias na hora de decidir o que é notícia na rádio (BONIXE, 2015:177).

4.1) A TSF

Segundo Rogério Santos (2005:139), proveniente do mesmo movimento de emissoras-pirata, a TSF foi fundada em 1988 e é “classificada como uma rádio temática informativa” (BONIXE, 2015:73). Conforme o site da Global Media Group (<http://www.globalmediagroup.pt/marcas/media/radio/tsf/>), a TSF é uma rádio de cariz informativo, “com principal enfoque na atualidade política, económica, social e desportiva”. A entrevista, é um dos géneros jornalísticos mais utilizados pela mesma,

conjugando “a comunicação pessoal e o objetivo de informação” (CORDEIRO, 2005:5). O “estilo TSF” tem sido marcante para os media nacionais e é caracterizado pelo professor Rogério Santos (2005:140):

“Desde o seu arranque, a estação desenvolveu conceitos novos, caso das “notícias de meia em meia hora” e da “antena aberta”. Um vaivém permanente de informação, com recolha de diretos dos acontecimentos, comentários de especialistas e abertura à opinião dos ouvintes, assim como a “janela”, o espaço de informação que entra fora do noticiário, conduziram ao designado estilo TSF. O Fórum TSF foi uma das fórmulas essenciais desse estilo, tendo os ouvintes como principais intervenientes”.

Segundo o site da Global Media Group (<http://www.globalmediagroup.pt/marcas/media/radio/tsf/>), a *TSF* é propriedade da Global media group, tendo como diretor David Dinis, como diretor adjunto Arsénio Reis e como subdiretor Pedro Pinheiro, a sua sede e principal redação é em Lisboa, existindo também uma pequena redação no Porto e “os pontos fortes da TSF são a credibilidade, a isenção, o rigor, a confiança, a competência, o prestígio e a qualidade”. Hoje, e segundo o mesmo site, “para além da antena e do site, a TSF está presente em várias plataformas digitais”.

4.2) A Antena 1

Segundo Rogério Santos (2005:138), a Antena 1 é uma rádio pertencente ao estado e foi criada originalmente em Agosto de 1935, com o nome de “Emissora Nacional” e atualmente, e segundo o site da RTP (<http://www.rtp.pt/radio/>), pertence à rede RTP, tal como a Antena 2, a Antena 3, a RDP África e a RDP Internacional.

A Antena 1 é classificada como uma rádio generalista (BONIXE,2015:73) e segundo o seu site (http://www.rtp.pt/antena1/artigos/antena-1-perfil-de-canal_8513), o perfil da rádio baseia-se “em conteúdos generalistas e programas de autor, com forte incidência na informação, desporto e música”.

O seu diretor atual é o João Paulo Baltazar e a subdiretora a Maria de São José. A sua sede e principal redação situa-se em Lisboa, no edifício da RTP, tendo também uma pequena redação no Porto.

4.3) A Rádio Renascença (RR)

Segundo Rogério Santos (2005:138), a Rádio Renascença começou a emitir em 1937, e segundo o site do Grupo r/com (<https://gruporcom.wordpress.com/>), é uma rádio portuguesa generalista de inspiração católica, que pertence ao grupo Renascença Comunicação Multimédia (r/com), que também detém a RFM, a Mega Hits e a Rádio SIM. A RR dá um peso relevante à informação na sua programação e tem feito uma grande aposta nas novas tecnológicas (BONIXE,2012:63), tendo, inclusive, uma webtv (a RRv+). É uma rádio que pela sua própria inspiração católica, “em termos informativos dá mais importância a temas religiosos e com carácter social do que outras rádios (BONIXE,2012:63). A Rádio Renascença é também (segundo os resultados da vaga de Dezembro de 2015, do estudo *Bareme Rádio* da Marktest), das estações de rádio com maiores audiências em Portugal (share de audiência: 8,0%), ultrapassando a Antena 1 (share de audiência: 6,6%) e a TSF (share de audiência: 3,9%) (MARKTEST, 2015).

A RR, segundo o site da mesma (www.rr.sapo.pt), tem como diretora Graça Franco, diretor-adjunto Pedro Leal e Raquel Abecasis, a sua sede e principal redação situa-se em Lisboa, mas também existe uma redação no Porto. E de acordo com o site do anuário católico (http://www.anuariocatolicoportugal.net/ficha_instituicao.asp?instituicaoid=53), o site da RR, é o que “obtem mais visitas de entre todas as outras estações de rádio em Portugal”.

Capítulo V: Apresentação de resultados

5.1) Perfil sociográfico dos jovens jornalistas em Portugal

Na generalidade, os jovens jornalistas das três principais redações de jornalismo radiofónico em Portugal são muito poucos. Tendo em conta que, em média, existem cerca de 40 a 50 jornalistas em cada redação analisada. Relembramos que considerámos jovens os pertencentes à faixa etária dos 20 aos 30 anos. A Antena 1 e a RR têm 4 jovens cada uma, sendo que a maioria tem mais de 25 anos, existindo apenas duas exceções em cada uma delas. A TSF tem apenas um jovem e com 29 anos. No que diz respeito ao sexo dos jovens jornalistas, é equilibrado, existem quase tantas raparigas como rapazes nas três redações analisadas, se bem que na Antena 1 são mais os rapazes do que as raparigas e na RR são mais as raparigas, existindo apenas um rapaz na TSF. Maior parte dos jovens das três redações em foco tem carteira profissional e licenciatura em jornalismo ou Ciências da Comunicação. Já com o mestrado, o cenário é diferente, existindo apenas dois casos na Antena 1, um jovem que tirou mestrado em jornalismo⁵ e outro em Economia Política e Pública, que irá corresponder com a “secção” onde trabalha. Torna-se relevante ressaltar que o Cenjor (sobretudo pela sua importância na atualização de conhecimentos e conteúdos na área) e a envolvimento em projetos universitários (como rádios e televisões dos cursos, entre outros) e não universitários foram referidos por alguns jovens jornalistas como importantes nos seus percursos de formação.

No que concerne à equipa/“secção” onde a maior parte dos jovens se encontra a trabalhar, não é possível estabelecer uma certa linearidade. Na Antena 1 apenas um jovem trabalha no online, sendo que os restantes são jornalistas no seu turno e um deles trabalha especificamente na “secção” de Economia. Na RR emissora que, como já vimos anteriormente, aposta muito nas novas tecnologias, já tem maior parte dos jovens a trabalhar no online e em conteúdos multimédia (sobretudo em edição de vídeo), sendo que um trabalha no online, mas especificamente na secção do Desporto, embora faça também outras coisas. Na TSF, o jovem pertence à equipa da Política. De uma forma geral, na TSF e na Antena 1 existem poucos jovens a trabalhar no online ou na área da multimédia, mas se analisarmos o caso da RR, a situação já é completamente diferente. Mas se analisarmos a situação de uma forma muito genérica,

⁵ Caso excecional de um jovem com licenciatura em Matemática

e embora a diferença não seja muita, a maior parte dos jovens encontra-se a trabalhar no online ou em conteúdos multimédia (nove dos jovens analisados, 5 estão a trabalhar no online ou em edição de vídeo).

No que diz respeito ao vínculo laboral, algo surpreende, grande parte dos jovens encontra-se contratado. Todos os jovens na RR estão contratados, na TSF o jovem também se encontra contratado, fazendo também serviços em regime de recibos verdes, mas na Antena 1 a realidade é diferente, existem mais jovens a recibos verdes, sem privilégios, sendo que a única jornalista contratada é a que trabalha no online. E estes resultados, relativamente positivos, vão de encontro ao facto de todos os jovens entrevistados apresentarem perspetivas de carreira jornalística e poucos terem um segundo trabalho.

5.1.1) Motivos que podem ter levado à falta de jovens nas três principais redações

Nos últimos anos, houve um conjunto de fatores que contribuiu para o esvaziamento das redações de rádio onde se pratica jornalismo, e tal como o professor e investigador Luís Bonixe refere, os quadros não têm sido renovados porque as empresas que detêm as rádios, não têm condições para investir financeiramente nisso. Portanto, de uma forma geral, não está a entrar gente nova nas redações, precisamente por “ se dispensarem jornalistas, se reduzir o espaço de informação, se encerrarem delegações e emissões regionais e se automatizarem períodos de emissão”, motivos estes, inumerados pela professora e investigadora Isabel Reis. Esta investigadora, fala também do facto de, desde o início deste século termos vindo a assistir a um decrescer da publicidade no setor da rádio, que é a principal fonte de receitas das rádios, o que obriga a ter de “repensar os conteúdos, a programação, os investimentos, os recursos humanos, etc”. Isabel Reis fala também das evidências que as audiências nacionais de rádio demonstram, e que em muito afetam o sector, pois o público tem uma clara preferência para a música e não para a informação.

O jornalista João Paulo Meneses é da opinião de que o interesse pelos jovens na rádio não diminuiu e de que tudo é apenas uma questão económica, tal como já referimos anteriormente. Ele acrescenta, que quando é preciso admitir alguém, e porque é mesmo necessário, dá-se prioridade para alguém mais veterano, para poder desempenhar imediatamente as funções que estão em falta.

Em suma, o facto de existirem poucos jovens nas redações da TSF,RR e Antena 1 deve-se à própria fragilidade financeira e estrutural do sector, que acresce com o facto de serem rádios de informação, pois tendo menos audiências têm menos investimentos publicitários, sendo que a própria crise no país também influencia.

5.2) Percurso e vias de acesso

De uma forma geral, e por dados fornecidos por um elemento da direcção de cada rádio analisada nesta investigação, a principal via de acesso à Antena 1 é o estágio e o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), da Rádio Renascença é individualmente ou com protocolo e da TSF é através do currículo vitae/portefólio, ou por indicação de um jornalista ou professor universitário, ou porque estagiou na empresa e demonstrou boas qualidades.

O jovem jornalista da TSF, João Alexandre, de 29 anos, começou por fazer um estágio curricular na empresa de comunicação Media Capital Rádios, depois soube que na TSF estavam à procura de duas pessoas para o trânsito e agenda que tivessem o curso de jornalismo e tivessem frequentado o Cenjor, candidatou-se e ficou contratado. Esteve 4 meses no departamento de trânsito e depois passou para a redação, este jovem já trabalha na TSF há cerca de 6 anos.

A jovem jornalista da RR, Teresa Abecasis, de 29 anos, começou com 21 anos na mesma, fez estágio profissional também na mesma, tendo entrado um ano como bolseira a recibos verdes, tendo sido contratada passado esse mesmo ano. Começou na equipa do online e, mais tarde, passou para a de vídeo. A jovem de 23 anos, Inês Rocha, fez estágio curricular no JN, trabalhou na web tv de Castelo Branco, onde trabalhava a editora de vídeo da RR, soube que tinha aberto uma vaga na mesma, por ela ter abandonado esse trabalho, e foi substituí-la, tendo ficado logo contratada. A jovem Matilde Pereira, de 27 anos, não fez estágio curricular nem profissional, tendo ido parar à RR através de uma substituição na equipa do online, começando por ser bolseira a recibos verdes, tendo sido contratada mais tarde. Esta jovem está há cerca de 5 anos na RR a trabalhar no online, sendo que, quando é necessário, também faz outro tipo de trabalhos. O jovem jornalista José Pedro Pinto, de 26 anos, fez estágio curricular e profissional na RR, começou no online (Bola Branca⁶) e quando abriu uma possibilidade de poder entrar na redação, foi contratado. Começou por estar dois anos

⁶ Espaço do site na RR, dedicado ao Desporto

em Gaia e, desde 2011, está em Lisboa com funções no Desporto continuando no online (Bola Branca) durante a semana e aos fins de semana faz relatos de futebol. Este jovem está na RR há cerca de 7 anos.

O jovem jornalista da Antena 1, Frederico Pinheiro, de 29 anos, fez um estágio curricular na agência *Reuters* durante 3 meses, tendo estado durante dois anos e meio nos quadros do semanário SOL, chegou também a estar na RR em Elvas um mês, tendo sido ainda freelancer no jornal Record. Foi ter à Antena 1 através do IEF, numa vaga que abriu para a secção de Economia, e está na mesma desde 2014. A jovem Sandra Henriques, de 29 anos, que trabalha no online na Antena 1, fez estágio curricular e profissional na mesma, tendo ficado contratada logo depois. O mais jovem da redação da Antena 1, Miguel Cordeiro, de 22 anos, esteve três meses a fazer estágio curricular na mesma, tendo feito um segundo estágio, por mais três meses, e no mês de Maio de 2015 foi contratado por prestação de serviços na Antena 1. O jovem João Torgal, de 30 anos, tem um percurso académico na área da matemática, mas fez um mestrado na área do jornalismo, tendo feito posteriormente um estágio durante 6 meses na Antena 1, que o levou a ser contratado.

Em suma, grande parte dos jovens jornalistas começam a trabalhar nas redações através de um estágio, seja ele curricular ou profissional (ou os dois) na mesma empresa onde se encontram a trabalhar.

5.3) Principais rotinas de produção

As rotinas de produção jornalísticas são diferentes todos os dias, dependem da equipa, do turno e do horário em que se trabalha, mas existem rotinas comuns diárias em todos os jornalistas, como a revista de imprensa, ter reuniões de redação e estar sempre atento ao que é preciso e necessário fazer, acompanhando sempre as agências noticiosas.

Na Antena 1 os jovens, Miguel Cordeiro e João Torgal, que trabalham em determinado turno, fazem-no sempre a pensar no dia seguinte, todos os dias leem os jornais do dia, têm uma reunião de redação, depois começam a fazer os contactos necessários e, por vezes, saem em reportagem. O jovem que trabalha na “secção” de Economia, Frederico Pinheiro, tem algumas rotinas em comum com os jovens que referi anteriormente, mas acrescenta como rotinas diárias não só ler os jornais nacionais (neste caso lê também jornais especializados em Economia, como o Diário Económico e o Jornal de Negócios), como ler a imprensa internacional. Refere

também como importante, ler todos os dias os seus e-mails, estando sempre alerta do que possa vir a ser “história”. A jovem jornalista Sandra Henriques, que trabalha na equipa do online, já refere rotinas de produção diferentes, ela começa por seleccionar as notícias mais fortes do dia, ouvir os noticiários e depois colocar os áudio online no site, no *facebook* e no *twitter*.

O jovem jornalista da TSF, João Alexandre, descreve as suas rotinas produtivas diárias como muito variáveis, referindo que pode tanto fazer três ou quatro peças por dia, como nenhuma (sendo esta última, uma situação pontual).

Na RR, as duas jovens jornalistas que trabalham na edição de vídeo, Teresa Abecasis e Inês Rocha, referem como as suas principais rotinas filmar e editar os vídeos para colocar no site, estando sempre atentas à atualidade através da agência Lusa e *Reuters*, pois, por vezes, utilizam imagens da agência Lusa para algumas peças. Mas ambas referem, que o trabalho que têm na equipa de vídeo acaba por depender muito do horário. A jornalista Matilde Pereira, que trabalha no online, refere rotinas de produção, também elas, muito diferentes. Começa por fazer a sua revista de imprensa, estando sempre a acompanhar as agências noticiosas e os noticiários da rádio, pensado sempre e destacando o que for mais relevante e, sobretudo, o que for história só da RR. Vende também conteúdos à Sapo e vai seguindo e estando atenta a outros sites noticiosos concorrentes. O jovem jornalista João Pedro Pinto, que trabalha na equipa do Desporto, também refere rotinas completamente diferentes. Durante a semana assegura a emissão e edição do site (Bola Branca), fazendo entrevistas, dobragens de sons, entre muitas outras coisas e no fim de semana coordena a emissão da Bola Branca e o relato.

De uma forma muito generalista, grande parte dos jovens jornalistas editam textos e áudio para o online (os que trabalham no online) e filmam e editam vídeos (os que trabalham na equipa de vídeo na RR) e saem pouco ou nenhuma vez em reportagem. Os restantes jovens jornalistas editam textos para peças no seu turno, não editam áudio e saem em reportagem quando necessário.

5.4) Preparação das redações para receber jovens aspirantes a jornalistas

No caso da TSF, os jornalistas, a subdiretora e o próprio jovem jornalista, testemunham que a redação não está preparada para receber estagiários. O subdiretor

da TSF, Pedro Pinheiro (há cerca de 15 anos na TSF), explica, inclusive, que desde 2015 deixaram de receber estagiários precisamente por não existir disponibilidade de meios humanos para responder com dignidade ao necessário apoio que deve ser dado a um aspirante a jornalista. Os jornalistas acabam por confirmar esta falta de tempo para lhes dedicar atenção e o jornalista editor Nuno Domingues (há cerca de 5 anos na TSF) reforça isso mesmo, referindo que a redação da TSF tem cada vez menos gente que mal chega para assegurar o trabalho mínimo. A editora Helena Vieira (há cerca de 25 anos na TSF), também confirma isso mesmo, lembrando que antes, quando recebiam estagiários, eles aprendiam muito a ver e a ouvir como se faziam as coisas e que no final dos turnos havia sempre tempo para esclarecer dúvidas. O estagiário elaborava peças, editava sons e no final gravava o seu trabalho, sendo que nunca nada passava em antena. O jovem jornalista, João Alexandre, refere que as redações estão muito pouco preparadas para ser parte do desenvolvimento de alguém que está numa fase muito embrionária em termos jornalísticos, acabado de sair de uma universidade e com muito pouca experiência. Só estariam preparadas, e se houvesse espaço neste momento para isso, se o jovem estagiário entrasse numa fase relativamente avançada do desenvolvimento enquanto aprendiz de jornalismo.

Na RR, a perspectiva já é completamente diferente, esta redação encontra-se preparada para receber jovens aspirantes a jornalistas perante o testemunho dos jovens jornalistas, jornalistas e diretora adjunta, embora se admita que há falta de tempo para os integrar e acompanhar melhor, precisamente por esta redação estar cada vez mais reduzida, tal como refere o repórter jornalista João Cunha (há cerca de 17 anos na RR). Já o editor Ricardo Conceição (há cerca de 17 anos na RR) refere que a redação está pronta a receber jovens estagiários, mas que eles têm de querer e fazer por serem inseridos também, o que não vê em alguns deles. Na generalidade, todos os jovens da RR são da opinião que a redação está preparada para receber jovens aspirantes a jornalistas, mas admitem não ser fácil apanhar o ritmo rápido da redação. Uma jovem jornalista, Teresa Abecasis, refere mesmo sentir que exigem logo que se “saiba tudo”. Já Inês Rocha refere que é muito importante ter iniciativa própria e pedir ajuda para que se seja ajudado. O jovem jornalista José Pedro Pinto fala do “choque geracional” que é um pouco “tabu”, mas que existe. Ele refere que muitas vezes não é fácil ser-se estagiário, pois a perspectiva fresca e as boas ideias são muitas vezes vistas como uma espécie de “ataque” pelos jornalistas. Embora aluda que há ainda muitos jornalistas que ajudam os estagiários a integrar-se o melhor possível no grupo. É importante que lhes deem trabalho para que eles possam errar e aprender com isso. Quanto mais o

estagiário se sente desinteressado e desmotivado, mais ele se vai fechar e tornar-se num estagiário passivo, e é por isso muito importante que o estagiário não se acomode. A diretora adjunta da RR, Raquel Abecasis (há cerca de 24 anos na RR), considera que a redação se encontra preparada para receber jovens aspirantes a jornalistas, falando mesmo na existência de uma “sede de sangue novo”.

Na Antena 1 a perspectiva dos jovens jornalistas, jornalistas e subdiretora, é muito parecida com a da RR pois no geral também é uma redação bem preparada para receber jovens aspirantes a jornalistas. Embora o jornalista pertencente à editoria da Sociedade, fazendo também grandes reportagens, Mário Galego (há cerca de 24 anos na Antena 1), assuma que deva ser a última coisa com que se devem preocupar. A jornalista na área da saúde Arlinda Brandão (há cerca de 21 anos na Antena 1), lamenta existir pouco tempo para passar conhecimentos, precisamente por existir muito trabalho e pouca gente. Os jovens, no geral, todos acham que a redação oferece boas condições para receber jovens aspirantes a jornalistas. O jovem jornalista Miguel Cordeiro refere que é importante o comportamento do próprio estagiário nesta integração e fala na velocidade como factor essencial. Ele diz que se um estagiário se esforçar e se entregar completamente ao trabalho, sendo rápido e eficaz e perguntando sempre o que há para fazer, é meio caminho andado para estar bem inserido e fazer com que queiram ouvir o que produz. A confiança é, portanto, essencial. O jovem Frederico Pinheiro, diz que em termos de capital humano de facto existe receptividade, mas que a própria empresa não, pois muitas vezes não compreendem que o jovem precisa de ser acompanhado regularmente. A subdiretora, Maria de São José (há cerca de 10 anos na Antena 1), diz que é uma redação muito cuidadosa e atenciosa na receção dos jovens estagiários. A subdiretora diz ainda, ser uma redação muito bem organizada, com os jornalistas bem divididos, existindo assim um excelente equilíbrio entre os seniores e os jovens. Ela refere que os seniores sabem que podem aprender com os mais jovens e que os mais jovens podem aprender com a memória e rotina dos mais seniores. Maria de São José menciona ainda, as diferenças de acompanhamento dos estagiários curriculares e dos profissionais, pois nestes últimos já houve um processo de seleção do IEF, sendo que os primeiros aprendem muito e são bem acompanhados no seu treino, nunca indo a antena.

Portanto, e de uma forma geral, as redações da Antena 1 e da RR estão preparadas para receber jovens candidatos a jornalistas, embora se reconheça que estamos perante redações cada vez menos preenchidas e com cada vez mais trabalho, sendo que existe cada vez menos disponibilidade para acompanhar, apoiar ou avaliar

os jovens candidatos a jornalistas. Já a redação da TSF, não está preparada para receber jovens estagiários, não os recebendo desde 2015.

5.5) Perceção profissional dos jovens jornalistas

5.5.1) Características essenciais que um jovem jornalista radiofónico deve ter

Um jornalista radiofónico deve ter características comuns com os jornalistas de outros meios, embora existam algumas particularidades próprias do meio rádio. Mas não deixa de ser relevante, falar nas características gerais para se ser jornalista. E, neste aspeto, tanto os jornalistas, com os elementos da chefia e os académicos/jornalistas na área, enumeram algumas características fundamentais que se deve ter no jornalismo em geral. Tais como, a humildade e honestidade intelectual, a proatividade, a pluridisciplinaridade, o gosto pela profissão, a curiosidade, o conhecimento e interesse pela atualidade, a disponibilidade para lidar com as novas tecnologias e plataformas, o rigor jornalístico, o saber comunicar, o ler jornais, o não ser tímido, o ter e mostrar vontade de aprender, a “pica”, a irreverência, o ser informado, o saber escrever bem, o ter espírito crítico, o ser leal e o não se acanhar a fazer questões quando se tem dúvidas. No que diz respeito à pluridisciplinaridade, é lamentável que, hoje em dia, os jovens tenham esta exigência como essencial, refere o editor da RR Ricardo Conceição, pois na sua opinião, cada jornalista deveria estar num só sítio, mas as condições financeiras das empresas não possibilitam isso. O subdiretor da TSF, Pedro Pinheiro, diz que a pluridisciplinaridade é uma inevitabilidade e que se espera uma formação da parte dos jovens cada vez mais multimédia, o jornalista explica, por exemplo, que um jornalista deve saber tanto escrever para o online como para passar em antena, sendo coisas que têm uma roupagem diferente.

Mas tal como mencionamos anteriormente, existem algumas especificidades do meio rádio que os jovens jornalistas devem apresentar e que alguns jornalistas, elementos da chefia e académicos/jornalistas na área expõem. O subdiretor da TSF, Pedro Pinheiro, refere o interesse de dominar a linguagem própria do meio rádio e de não ter problemas em lidar com a pressão própria do meio. Já a diretora adjunta da RR, Raquel Abecasis, fala na importância da voz, apesar do investigador e professor Luís Bonixe não considerar que isso, hoje em dia, seja tão determinante, e de ter a capacidade da escrita criativa que o meio impõe, pois o objetivo é transmitir o melhor possível a mensagem de modo a que o ouvinte a entenda, tal como a jornalista da Antena 1 Arlinda Brandão reforça.

“Uma escrita criativa será, provavelmente, uma escrita metafórica, mais arriscada, que surpreenda. Uma escrita que procura adaptar alguma da linguagem – base do assunto noticiado ao texto jornalístico, dando vida nova às palavras, construindo novas imagens (talvez mesmo alegórica) e sendo, por isso, mais sugestiva” (MENESES, 2003: 45).

A subdiretora da Antena 1, Maria de São José, refere como essencial ouvir a sua própria rádio e as outras. Já a editora da TSF, Helena Vieira, fala na importância de ouvir os protagonistas das notícias e explicá-las procurando os mais capazes. A professora e investigadora Isabel Reis menciona como substancial neste meio, saber usar os sons em proveito da mensagem radiofónica, dando assim relevância ao ato de saber escutar. Ter firmeza para lidar com o inesperado e os diretos, e ter uma noção muito clara do que é prioridade, ter a humildade e a capacidade de assumir os erros, causados muitas vezes pela pressão do tempo, aprendendo com eles para não os repetir, saber ouvir-se para saber o que mudar para melhorar e ter alguma capacidade de improviso, são outras características que a investigadora refere como importantes no meio rádio em específico.

5.5.2) Perceção e a opinião que os jornalistas, chefia e académicos/jornalistas na área têm dos jovens

De uma forma geral, os jornalistas das três redações analisadas, consideram que os jovens vêm mal preparados das universidades.

O editor da RR, Ricardo Conceição, acha que para além dos jovens aspirantes a jornalistas não virem bem preparados, em termos de formação das universidades, também vêm mal preparados do ponto de vista pessoal, referindo que 90% não sabe o que é o meio rádio e informação em rádio. O editor da TSF, Nuno Domingues, reforça a mesma ideia, dizendo que os jovens não têm noção do que é a dinâmica de uma rádio de informação e das prioridades dos temas informativos. A sua colega editora Helena Vieira, acompanha o mesmo raciocínio, dizendo que os jovens chegam às redações muito “verdes”, referindo denotar que alguns jovens demonstram desinteresse pelo próprio material jornalístico, pela falta de leitura de jornais manifestada num parco conhecimento da realidade que os cerca. A editora da TSF denuncia que eles chegam com demasiada formação teórica, o que se reflete no modo de pensar, elaborar e apresentar as notícias em antena, notando-se que não têm noção da importância da oralidade. A jornalista da Antena 1, Arlinda Brandão, reafirma isso mesmo, dizendo que muitos jovens não sabem conjugar a teoria com a prática. Outra

falha apontada por Helena Vieira, mencionando não querer generalizar, é a falta de cultura geral e, às vezes, até, de uma alguma ignorância do que se passa no mundo. A única coisa positiva referida pela editora, foi o facto de os jovens, na sua maioria, saber lidar bem com as novas tecnologias, redes sociais, etc. A jornalista Arlinda Brandão, refere como positivo “o olhar inocente” dos jovens, defendendo que isso acaba por simplificar as coisas que os jornalistas mais experientes complicam, pois tendem a não ver novidade nas coisas. Para o jornalista Mário Galego da Antena 1, um jovem ou tem a comunicação dentro dele ou não tem. E na opinião do jornalista repórter da RR, João Cunha, os jovens aspirantes a jornalistas não são humildes, mostrando também pouco à vontade para expressar as suas opiniões, sendo pouco proactivos. O jornalista acrescenta a ideia, de que os jovens não são inferiores aos seniores experientes, apenas têm é dificuldades em fazer o que eles fazem.

De uma forma geral, os elementos da chefia que entrevistámos, acham que o ponto mais positivo dos jovens é a destreza com as novas tecnologias, sendo que acham que se ensina mal nas universidades e pouco sobre o que deve ser a escrita em rádio, o chamado “texto oral”, que o investigador e professor João Paulo Meneses fala no seu livro “Tudo o que se passa na TSF... Para um “livro de estilo””, dizendo que “o melhor jornalista de rádio seria aquele que a um bom domínio da técnica da notícia juntasse a capacidade de escrever da mesma forma que fala (MENESES, 2003:31).

A subdiretora da Antena 1 Maria de São José, olha para os jovens jornalistas de uma forma favorável ao rejuvenescimento das redações, pois trazem uma nova visão e forma de olhar para a informação. Quando encontram um jovem que seja proactivo, sente que lhes ensina muito e denota que eles olham para os assuntos de uma forma diferente, pois não têm vícios. A subdiretora aponta como coisas positivas nos jovens, o facto de serem bons a lidar com as novas tecnologias e como pontos negativos, o facto de lhes ser muito mal ensinado o que é a escrita em rádio, dizendo mesmo que seria importante que as universidades procurassem estabelecer pontes com as empresas, sobretudo no que diz respeito à prática. A diretora adjunta da RR, Raquel Abecasis, acha que, regra geral, os jovens vêm mal preparados tecnicamente das universidades e que quando alguém bom aparece, é logo notório. Ela é da opinião de que os cursos universitários não deveriam ser tão generalistas, referindo que existem jovens que nem atender um telefonema sabem, que não leem jornais, que não têm curiosidade sobre o mundo, demonstrando muitas vezes apatia, moleza e desinteresse. A diretora adjunta da RR, refere como positivo nos jovens, a facilidade em lidar com as novas tecnologias e diz que surpreendem, referindo-se, neste caso, aos bons

estagiários e àqueles que muitas vezes ficam na redação como jornalistas, na “pica” que existe dentro de si e na dinâmica que trazem para as redações. A jornalista admite que falta “sangue novo” nas redações e que isso está a tornar o jornalismo mais cinzento. Segundo o subdiretor da TSF, Pedro Pinheiro, os jovens são vistos, do ponto de vista editorial, da mesma forma como veem os seniores. Ele refere que quando recebiam estagiários, em muitos casos, denotava-se um desconhecimento quase absoluto da linguagem própria do meio rádio e pouca informação sobre o momento atual do país e do mundo. O que mais o surpreende nos jovens aspirantes a jornalistas é o facto de se aperceber que a rádio tem uma linguagem aparentemente mais apelativa do que a de outros meios de comunicação, existindo muitos jovens que é nela que pretendem fazer carreira jornalística.

Os académicos/ jornalistas na área, Isabel Reis e Luís Bonixe, denotam que, em geral, existe um total desconhecimento sobre a rádio enquanto meio, as suas potencialidades e possibilidades. Mas o professor e investigador Luís Bonixe reconhece que, quando os jovens conhecem melhor o meio, interessam-se por ele, pois todos os anos, na universidade onde leciona, um dos meios mais escolhidos para fazer estágio curricular é a rádio. Luís Bonixe, através do feedback que recebe das empresas, diz que as principais dificuldades que se encontram nos jovens são a definição daquilo que deve ser objeto de notícia, demonstrando alguns problemas em construir uma notícia de acordo com o pretendido. O que os jovens têm de mais positivo é a preparação técnica, no caso da rádio a construção da notícia (que deve ser sintética e concisa) e o isolamento do som (registo magnético). O jornalista e académico João Paulo Meneses refere, apenas, que os jovens que são bons são aqueles que têm características que o potenciam e que existem outros que se têm de esforçar mais, existindo ainda alguns, que nem assim conseguem chegar ao exigido. A professora e investigadora Isabel Reis diz que no que refere ao jornalismo radiofónico, a maior dificuldade, enquanto estudantes, é aprender a escrever para rádio. E que mesmo sabendo escrever para a rádio, quando chegam às redações, têm dificuldades de perceber onde erram e como fazer, pois cada redação tem as suas particularidades. Outra dificuldade que os jovens apresentam, é a sensibilidade auditiva (aprender a ouvir), pois os jovens hoje em dia são cada vez mais visuais e têm dificuldades em identificar e interpretar os sons que os rodeiam e de como podem ser potenciados na narrativa radiofónica, nomeadamente na jornalística.

De uma forma geral, todos os elementos da chefia e os jornalistas das três redações analisadas nesta investigação mostram-se satisfeitos com os jovens

jornalistas que têm nas redações, sentindo, inclusive, orgulho neles. Pois quando os jornalistas e elementos da chefia relatavam coisas positivas nos jovens, referiam-se sobretudo aos jovens jornalistas contratados da sua rádio e não aos estagiários. Aliás, no que a eles refere, o cenário já é completamente diferente, pois todas as falhas e defeitos apontados pelos elementos da chefia e jornalistas são relativos a eles, existindo assim, na generalidade, uma má impressão dos jovens aspirantes a jornalistas nas três redações. Já a opinião dos académicos/jornalistas na área relativamente aos jovens, é não só dada na condição de alunos, como através do feedback que têm das empresas onde os seus alunos vão estagiar. Mas, na generalidade, denota-se um desconhecimento do meio rádio enquanto estudantes e, através do feedback das empresas, denotam-se dificuldades em construir a notícia de acordo com o que é pretendido, o que também se denota enquanto estudantes.

5.5.3) Como os jovens jornalistas se sentem nas redações da TSF, RR e Antena1

Nas entrevistas que elaborámos nesta investigação, todos os jovens dizem que se sentem valorizados nas três redações analisadas, pela chefia e pelos colegas jornalistas. O que vai de encontro com o que foi abordado no ponto anterior, quando referimos que, no geral, os elementos de chefia e os jornalistas de cada redação analisada, tinham uma perceção positiva dos jovens jornalistas das suas respetivas rádios.

A jovem jornalista, Inês Rocha, refere que a redação da RR tem um bom ambiente, sendo que os jovens são muito respeitados e que tem notado muita evolução própria. O jornalista José Pedro Pinto segue num mesmo pensamento, dizendo que a redação da RR tem o “ADN” de valorizar e dar oportunidade aos jovens com talento e qualidade. O jovem Frederico Pinheiro da Antena 1 refere que vai recebendo sempre um feedback positivo da rádio, o que o ajuda a sentir-se valorizado, já o jovem Miguel Cordeiro, refere que, muitas vezes, até faz propostas de notícias que eles na redação não tinham conhecimento e que sente que a sua dinâmica e a dos seus colegas jovens jornalistas é valorizada. O jornalista João Alexandre da TSF diz que se sente valorizado, assumindo que ainda tem muito para aprender. Ele acrescenta que a idade não tem relevância nenhuma e que o que interessa é o trabalho que se apresenta.

No que diz respeito à questão que foi colocada aos jovens jornalistas, sobre se sentiam algum tipo de discriminação pela sua “condição de jovem”, na generalidade, todos responderam que não. Embora alguns refiram que o facto de serem mais novos,

em algumas circunstâncias, afeta, por exemplo, quando saem em serviço, pois o trabalho pode ser desvalorizado por aqueles a quem se tenta obter notícias (as fontes), tal como o jovem João Alexandre da TSF testemunha, apesar de referir que nada disso é impeditivo de se fazer um bom trabalho na mesma. Já a jornalista Matilde Pereira da RR, refere que no início poderia sentir alguma espécie de discriminação, mas que, tal como o jornalista da Antena 1 Miguel Cordeiro refere, sempre sentiu que isso se tratava mais de uma proteção do que de uma discriminação. O único jovem que assume que, de vez em quando, existe algum tipo de descriminação é o jovem jornalista da RR, José Pedro Pinto, que conta que muitas vezes quando tentava expressar a sua opinião e ponto de vista sentiu isso, mas que era mais no início quando entrou para a RR.

No que diz respeito aos problemas de inserção, que podem ir desde feitos dos chefes a ritmos de trabalho, na generalidade, todos os jovens jornalistas das três redações analisadas, dizem que não sentem nenhum problema do género. Embora alguns confessem que gostavam de ter um vínculo laboral mais estável, tal como o jornalista João Torgal da Antena 1 confessa, e outros referem que o único problema que sentem na redação onde trabalham, é o seu esvaziamento, pois isso traz problemas, porque obriga os jornalistas a terem de se desdobrar em tarefas, tal como o jornalista João Alexandre da TSF confidencia. O jornalista da RR, José Pedro Pinto, admite existirem alguns problemas de inserção, mas refere que é necessário encará-los de forma natural, pois muitas vezes a entrada de um elemento mais jovem não é bem vista pelos colegas jornalistas, mas é algo com que se tem de lidar, pois faz parte. Mas refere que, apesar da classe jornalística globalmente não ser unida, dentro das redações é. Vai existindo sempre vontade das redações de inserir melhor ou pior os jovens e se o ambiente da redação for bom, como é o da RR, segundo este jovem, toda a gente se sente bem e por consequência inserida.

Em suma, e na generalidade, os jovens não se sentem discriminados pela sua condição nas três redações analisadas, não têm grandes problemas de inserção e sentem-se valorizados pela chefia e pelos colegas, o que confirma ainda mais o facto de todos os jovens entrevistados terem manifestado perspectivas de fazer carreira jornalística.

Conclusão

Nesta fase final da investigação, pensamos ter chegado a conclusões, tendo sido conseguido conciliar perspectivas de vários entrevistados para chegar a conclusões.

E face aos resultados apresentados nesta dissertação, a maior parte das hipóteses que colocámos confirmaram-se ou andaram muito perto do que foi efetivamente constatado.

Comecemos pelo perfil sociográfico dos jovens jornalistas das redações da TSF, Antena 1 e Rádio Renascença (que correspondia à pergunta nº 1). Veio-se a confirmar, tal como se tinha incitado na hipótese, que os jovens jornalistas nas três redações são poucos (4 na RR, 4 na Antena 1 e 1 na TSF), dando razão ao que o investigador José Rebelo dizia, na sua investigação sobre as novas gerações de jornalistas em Portugal. Confirmou-se também, que maior parte dos jovens jornalistas tinha mais de 25 anos, tendo todos carteira profissional e licenciatura na área do jornalismo. No que refere à equipa/”secção” em que maior parte dos jovens jornalistas trabalha, não foi possível estabelecer linearidade, embora se possa dizer que grande parte trabalha no online e em conteúdos multimédia, referindo-me neste último, às jovens que trabalham na equipa de vídeo na RR. Se formos analisar isoladamente cada rádio, a TSF e a Antena 1 já não têm a maioria dos jovens no online nem na área da multimédia. Aliás, na TSF, só existe um único jovem e trabalha na equipa de Política. Portanto, a hipótese que estabelecemos não estava totalmente certa. Já no que diz respeito ao sexo de maior parte dos jovens jornalistas não se confirma a hipótese que estabelecemos, pois é muito equiparado o número de jovens masculinos e femininos, embora na RR sejam mais raparigas do que rapazes, por exemplo. No que concerne ao vínculo laboral dos jovens jornalistas, percebe-se desde logo que a hipótese colocada estava errada, pois surpreendentemente, maior parte deles são contratados. O que corresponde ao facto de grande parte dos jovens entrevistados, apresentarem perspetivas de carreira jornalística e não terem um segundo emprego.

Mas a pergunta coloca-se: E porque será que as principais redações de jornalismo radiofónico em Portugal, têm poucos jovens? Foi algo que tentamos perceber através das opiniões dos académicos/jornalistas na área, Luís Bonixe, Isabel Reis e João Paulo Meneses. E o principal motivo é o mesmo de existirem cada vez menos jornalistas nas redações nacionais de jornalismo, a crise nacional e nos media. As redações de rádio não têm renovado os seus quadros, e por serem de informação

(que como foi possível perceber na parte teórica desta investigação, são as rádios com menos audiências), têm menos investimentos publicitários. E, tal como o jornalista João Paulo Meneses refere, quando se necessita de algum jornalista dá-se prioridade aos mais veteranos para poderem desempenhar as funções imediatamente.

Continuemos com o percurso e a principal via de acesso dos jovens jornalistas das redações da TSF, Antena 1 e RR (que correspondia à pergunta nº 2). Aqui a hipótese veio a confirmar-se, pois grande parte dos jovens jornalistas ingressaram nas redações através de estágios, sejam eles curriculares ou profissionais, na empresa onde estão a trabalhar, sendo que em alguns casos fizeram os dois na mesma empresa. Na Antena 1, alguns jovens jornalistas entram nas redações através do IEFP. Surge como importante realçar, que se denota que as empresas valorizam o percurso que os jovens foram tendo, cursos como os do Cenjor e projetos universitários são valorizados em algumas empresas radiofónicas.

No que diz respeito à pergunta nº 3, relativamente às principais rotinas de produção dos jovens jornalistas nas redações da TSF, Antena 1 e RR, torna-se importante primeiro lembrar o contexto geral. As três redações de jornalismo radiofónico em Portugal são organizadas por turnos, tendo de ter sempre previamente definida uma agenda. Todos os dias os jornalistas fazem uma revista de imprensa, estão sempre atentos às agências de notícias e têm reuniões formais e informais (BONIXE, 2012:97), tendo de estar sempre atentos ao que há para fazer ou até mesmo sugerir possíveis notícias que até possam vir a ser “história” só da rádio onde trabalham. O académico Luís Bonixe (2012:85) afirma, numa investigação, que os noticiários da TSF, Antena 1 e RR estão organizados de uma forma idêntica quanto à estrutura e alinhamento. Cada turno de trabalho de cada uma delas “são liderados por um editor que coordena a equipa, edita e apresenta os noticiários e há sempre, pelo menos, um dos turnos que é editado a partir da redação do Porto (BONIXE, 2012: 91 e 92).

Mas as rotinas de produção jornalísticas acabam por ser diferentes todos os dias. Mas os jovens jornalistas da TSF, Antena 1 e RR, de uma forma geral, editam textos e áudio para o online (os que trabalham no online) e filmam e editam vídeos (os que trabalham na equipa de vídeo da RR), saindo pouco ou nenhum vez em reportagem. Os restantes jovens jornalistas, para além de todas as rotinas diárias normais de um jornalista, já anteriormente referidas, editam textos para peças nos seus turnos, não editam áudio e saem em reportagem quando necessário. Portanto, a

hipótese desta pergunta revelou-se um pouco diferente do que foi constatado, embora não muito longe.

No que concerne à preparação das redações da TSF, Antena 1 e RR para receber jovens aspirantes a jornalistas (que corresponde à pergunta 4), a hipótese demonstrou-se completamente oposta à realidade constatada, exceto no caso da TSF.

Os jornalistas, os elementos da chefia e o próprio jovem jornalista entrevistado da TSF, testemunham que a redação não está preparada para receber jovens aspirantes a jornalistas. A redação de Lisboa da TSF deixou, inclusive, de receber estagiários desde 2015, por não existir disponibilidade de meios humanos para responder com dignidade ao necessário apoio que deve ser dado a um estagiário.

Na RR e na Antena 1, a situação já é bem diferente, existindo condições para receber e acompanhar estagiários, tanto pelo feedback dos jornalistas, como dos elementos da chefia e dos próprios jovens jornalistas. Embora se admita, que as redações estão cada vez mais reduzidas, existindo por esse motivo cada vez menos tempo para dedicar a atenção e a orientação necessárias aos jovens estagiários.

E por fim, a última questão, a nº 5, que aborda a perceção profissional dos jovens jornalistas das redações da TSF, Antena 1 e RR. De uma forma geral, as redações das três rádios consideram que os jovens aspirantes a jornalistas vêm mal preparados das universidades, estando muito satisfeitos com os jovens jornalistas que trabalham nas suas redações, pois chegaram até lá por serem muito bons e mostrarem muitas qualidades. Na opinião dos académicos/jornalistas na área, que está mais relacionada com os jovens enquanto estudantes e com o feedback que recebem das empresas, os jovens demonstram também muitas dificuldades, sobretudo a construir uma notícia e um desconhecimento do que é o meio rádio, aqui sobretudo enquanto estudantes. Neste caso, a hipótese colocada está completamente em concordância com o que se constatou pelas entrevistas. No que diz respeito aos jovens aspirantes a jornalistas, os jornalistas referem que alguns demonstram desconhecer a dinâmica de uma rádio de informação, manifestam desinteresse pelo material informativo, não lendo jornais, revelam alguma falta de cultura geral, alguma falta de humildade, pouca proatividade, não apresentando saberem combinar a teoria com a prática. Os elementos da chefia, no geral, apontam como negativo nos jovens estagiários a má preparação universitária e o facto de demonstrarem não saber o que é a escrita em rádio. A subdiretora da Antena1, Maria de São José, fala mesmo que seria importante que as universidades procurassem estabelecer pontes com as empresas, sobretudo no

que diz respeito à prática. Já a diretora adjunta da RR, Raquel Abecasis, refere que grande parte dos jovens aspirantes a jornalistas não leem jornais, não têm curiosidade sobre o mundo, demonstrando moleza, apatia e desinteresse algumas vezes. O subdiretor da TSF, Pedro Pinheiro, denotava nos estagiários, um desconhecimento da linguagem própria da rádio e pouca informação sobre a atualidade. Falando agora nos jovens jornalistas, e aqui, como já referimos anteriormente, referimo-nos mais aos jovens bons, aqueles que marcam pela diferença e que muitas vezes acabam por ficar nas empresas a trabalhar. Os jornalistas e elementos da chefia apontam como principal ponto positivo neles, a destreza com as novas tecnologias e plataformas digitais. A subdiretora da Antena 1, Maria de São José, acrescenta como positivo nos mesmos, a nova visão e forma de olhar a informação sem vícios que trazem para a redação, confessando aprender-se muito com os bons. A diretora adjunta da RR, Raquel Abecasis, confessa que a “pica” e a dinâmica que alguns jovens jornalistas manifestam a surpreende, admitindo existir falta de “sangue novo” e que isso está a tornar o jornalismo mais cinzento. O subdiretor da TSF, Pedro Pinheiro, confessa que o continua a surpreender, aperceber-se que o meio rádio é um meio apelativo, pois muitos jovens pretendem fazer carreira jornalística no meio.

E, de uma forma geral, os jovens jornalistas sentem-se valorizados nas redações onde trabalham, tanto de parte dos colegas jornalistas, como dos elementos de chefia, o que está de acordo com o que acabei de referir anteriormente sobre o facto de as redações verem de forma positiva os jovens jornalistas. Os jovens jornalistas, na generalidade, também não declaram ter sentido algum tipo de discriminação pela sua “condição de jovem” e não sentem grandes problemas de inserção. Tudo isto tem relação com o facto de todos os jovens jornalistas entrevistados terem manifestado intenção de fazer carreira jornalística.

E por fim, surge como importante referir que embora existam coisas que se possam melhorar no ensino académico de jornalismo em Portugal, torna-se importante reforçar que os jovens estudantes de jornalismo têm de perceber que dependem mais deles do que da formação académica que detêm e que é a forma como enfrentam o mercado de trabalho que mais conta no final.

Referências Bibliográficas

ALBARELLO, L., DIGNEFFE, F., HIERNAUX, J., MAROY, C., RUQUOY, D., & SAIN-GEORGES, P. (1995): “Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais”, Gradiva, Lisboa

ANDRINGA, Diana: “Jornalismo, memória e amnésia” in <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/2257/1771> (consultado em Novembro de 2015)

CANAVILHAS, João (2009): “O ensino do jornalismo em Portugal”, in <http://www.ec.ubi.pt/ec/06/pdf/canavilhas-ensino-webjornalismo.pdf> (consultado em Novembro de 2015)

COUTINHO, Clara (2011): “Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e Prática”, Almedina, Coimbra

BONIXE, Luís (2012): “A informação radiofónica – Rotinas e valores-notícia de reprodução da realidade na rádio portuguesa”, Livros horizonte, Lisboa

COELHO, Pedro (2013): “A formação académica para o jornalismo do século XXI: sobre questões de prática e técnica”, Tese de doutoramento da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (consultado em Novembro de 2015)

COENTRÃO, Joel (2009): “Mudanças na profissão, mudanças na formação...” in <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/jornalismo08/article/view/407/381> (consultado em Novembro de 2015)

CORDEIRO, Paula (2005): “Rádios temáticas: perfil da informação radiofónica em Portugal. O caso da TSF”. In <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-o-caso-tsf.pdf> (consultado em Dezembro de 2015)

CORDEIRO, Paula (2010): “A rádio e as indústrias culturais – Estratégias de programação na transição para o digital”, Livro Horizonte, Lisboa

FERNANDES, Luciana (2007) “Da Universidade às redações – Caminhos para um melhor ensino superior público de jornalismo”. Tese de mestrado da Universidade do Minho, in <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7521/1/Tese%20de%20Mestrado%20de%20Luciana%20Fernandes.pdf> (consultado em Novembro de 2015)

FIGUEIRA, João & GRANADO, António (2007): “Vale a pena uma licenciatura em jornalismo?” in <http://cadernosdejornalismo.uc.pt/00/32-35.pdf> (consultado em Novembro de 2015)

GARCIA, José (2009): “Estudos sobre os jornalistas portugueses – Metamorfoses e encruzilhadas no limiar do século XXI”, Instituto de Ciências Sociais (ICS), Lisboa

GRAÇA, Sara (2007): “Os jornalistas portugueses – dos problemas de inserção aos novos dilemas profissionais”, Minerva Coimbra, Coimbra

JÚNIOR, MALULY & OLIVERIRA (2013): “Antes da pauta: Linhas para pensar o ensino do jornalismo no século XXI”, in <http://www.usp.br/cje/box/antesdapauta.pdf> (consultado em Novembro de 2015)

MARKTEST, Grupo (2015): “Bareme Rádio publica vaga de Dezembro de 2015”. In <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~1ff2.aspx#> (Consultado em Janeiro de 2016)

MEIOS & PUBLICIDADE (2011a) : “Jornalismo é hoje feito por mais profissionais, mais mulheres e com mais qualificações académicas”. Recurso online: <http://www.meiosepublicidade.pt/2011/07/jornalismo-e-hoje-feito-por-mais-profissionais-mais-mulheres-e-com-mais-qualificacoes-academicas/>. (consultado em Novembro de 2015)

MENESES, João Paulo (2003): “Tudo o que se passa na TSF... Para um “livro de estilo””, Jornal de Notícias, Porto

PINTO, Manuel (2004): “O ensino e a formação na área do jornalismo em Portugal: “crise de crescimento” e notas programáticas”. In [file:///C:/Users/Ana%20Filipa/Downloads/1245-4309-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Ana%20Filipa/Downloads/1245-4309-1-PB%20(1).pdf) (consultado em Novembro de 2015)

QUEIRÓS, Joaquim (2011): “ 20 anos ao serviço das rádios locais – ARIC 1991-2011, Contributos para a história”, ARIC- Associação das rádios de Inspiração Cristã

QUIVY, Raymond & Campenhoudt, Luc Van (2005): “Manual de investigação em Ciências Sociais”, Grávida, Lisboa

REBELO, José (2011) : “ Ser jornalista em Portugal – Perfis sociológicos”, Grávida, Lisboa

REBELO, José (2014): “As novas gerações de jornalistas em Portugal”, Editora Mundos Sociais, Lisboa

- REIS, Isabel; RIBEIRO, Fábio & PORTELA, Pedro (2014): “Das piratas à Internet: 25 anos de rádios locais”, CECS da Universidade do Minho, Braga
- SANTOS, Rogério (2005): “Rádio em Portugal: tendências e grupos de comunicação na atualidade”. In <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1214/1157> (consultado em Dezembro de 2015)
- SANTOS, Sílvio (2013): “Da estatal ao modelo integrado – compreender o serviço público da radiodifusão em Portugal”, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra
- SCHUCH, Hélio (2000): “Qualidade no ensino de jornalismo”, in <http://www.saladeprensa.org/art126.htm> (consultado em Novembro de 2015)
- SOUSA, Jorge: “Desafios do ensino universitário do jornalismo ao nível da graduação no início do século XXI”. In <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-desafios-do-jornalismo.pdf> (consultado em Novembro de 2015)
- SOUSA, Jorge (2006): “Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media”. In <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf> (consultado em Fevereiro de 2015)
- TEIXEIRA, Patrícia (2009/2010): “O ensino do jornalismo em Portugal – Uma história e análise dos planos curriculares”. Tese de mestrado na Universidade Fernando Pessoa. In http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1681/2/DM_19061.pdf (consultado em Novembro de 2015)

APÊNDICES

Apêndice I

Rádios	Entrevistados	Cargo
TSF	João Alexandre	Jovem jornalista
	Nuno Domingues	Jornalista
	Helena Vieira	Jornalista
	Pedro Pinheiro	Subdiretor
RR	Teresa Abecasis	Jovem jornalista
	Inês Rocha	Jovem jornalista
	Matilde Torres Pereira	Jovem jornalista
	José Pedro Pinto	Jovem jornalista
	João Cunha	Jornalista
	Ricardo Conceição	Jornalista
	Raquel Abecasis	Diretora adjunta
Antena 1	Frederico Pinheiro	Jovem jornalista
	Sandra Mesquita	Jovem jornalista
	Miguel Cordeiro	Jovem jornalista
	João Torgal	Jovem jornalista
	Mário Galego	Jornalista
	Arlinda Brandão	Jornalista
	Maria de São José	Subdiretora
Académicos/jornalistas da área	Luís Bonixe	
	João Paulo Meneses	
	Isabel Reis	

Apêndice II

Entrevistas semiestruturadas – TSF, RR e Antena 1

Aos jovens:

1. Como conseguiste este trabalho?
2. Achas que as redações estão preparadas para receber jovens candidatos a jornalismo, no sentido de lhes dar uma inserção adequada? Da tua experiência, sentiste-te bem acompanhado?
3. Que tipo de vínculo laboral tens nesta redação?
4. Quais são as tuas rotinas de produção?

5. Sentes-te valorizado pelos teus colegas jornalistas, chefes e diretores? Como achas que eles te veem?
6. Já sentiste algum tipo de discriminação por seres jovem?
7. Tens perspetivas de carreira jornalística?
8. Atualmente, quais são os problemas de inserção que sentes no teu trabalho?
9. Tens outro trabalho, para além deste?

Aos diretores adjuntos ou subdiretores:

1. De que forma veem os jovens nesta redação?
2. Quais as características fundamentais que um jovem deve ter para trabalhar aqui?
3. Do que têm experienciado, quais as falhas que os jovens apresentam com maior frequência? E no que têm surpreendido?
4. Concorda que os jovens, hoje em dia, tenham de ser pluridisciplinares?
5. Em média, quantos estagiários têm por ano? São sobretudo profissionais, ou curriculares? Que tipo de apoio lhes é dado?
6. Como se processa a entrada de um jovem (já como profissional), nesta redação?
7. Os jovens têm correspondido às expectativas tanto laborais, como jornalísticas?
8. Acha que as redações estão preparadas para receber jovens candidatos a jornalismo, no sentido de lhes dar uma inserção adequada?

Aos Jornalistas:

1. Como veem os jovens nas redações?
2. Quais as componentes essenciais que um jovem deve ter para exercer esta profissão?
3. Concorde que os jovens, nos dias de hoje, têm de ser pluridisciplinares?
4. Acha que as redações estão preparadas para receber jovens candidatos a jornalismo, no sentido de lhes dar uma inserção adequada?

Rádio Renascença (RR)

Na redação de Lisboa cerca de 55 jornalistas, incluindo a net e sem diretores.

Jornalistas:

João Cunha

Faz sobretudo reportagens e diretos

25 anos de trabalho, 17 na RR

1. “As redações têm cada vez mais jovens e cada vez menos cabelos brancos”. Por exemplo, o António Pacheco é especialista em assuntos africanos (tinha uma hora em antena com história e hoje em dia já não há essa capacidade). Falta o conhecimento pessoal e hoje temos o online. Hoje tudo é mais superficial, não há conhecimento experiencial. Não há tempo e os noticiários foram reduzidos. Hoje o que está errado, aparece mais completo no site. Os jovens não são inferiores a um jornalista experiente, ele terá é dificuldade em fazer o que o experiente faz.

Existe falta de humildade nos jovens, têm de ter uma atitude proactiva e não ter vergonha de dar opiniões.

2. Humildade. A pessoa tem de ser pró-ativa (ser chata), pois até pode escrever muito bem e isso nem se notar.

3. Cada vez mais, saber fotografar e filmar. É importante saber trabalhar para todas as plataformas (editar, recolher imagens, fazer o “off” para vídeo sozinho, texto para por na net, etc).

4. Está preparada. Mas as redações estão reduzidas e não temos tempo para vir alguém novo, tem de ser alguém que goste da profissão. Falta às vezes o tempo para ajudar essas pessoas, dever-se-ia atribuir o estagiário a alguém em específico.

Ricardo Conceição

Há 17 anos nesta rádio

Editor

1. Jovens mal preparados quer das universidades, quer do ponto de vista pessoal. Mais de noventa por cento deles não tem preparação e não sabe o que é rádio e informação em rádio. Não têm a formação de quem está no ativo.
2. Criatividade na forma de abordar os assuntos, não pode ser *low profile*, recatado, tem de ter paixão e ser extrovertido.
3. Sim, infelizmente. Tem de se saber fazer tudo e hoje temos a vantagem tecnológica. Cada um devia estar só num, mas não há dinheiro para isso.
4. Sim, mas os jovens têm de querer ser inseridos. Há gente que não tem jeito.

Jovens:

Teresa Abecasis

29 anos

Tem carteira

Começou com 21 anos

Fez um estágio (profissional)

Licenciatura na ESCS

1. No final do curso estagiei na RR e fiquei até ao fim do ano como estagiária, sendo que no ano a seguir entrei como bolseira (recibos verdes). Depois desse ano, fui contratada. Comecei na equipa do online e passei depois para a de vídeo.
2. Eu fui bem recebida, mas às vezes falta algum acompanhamento. “Chegamos e temos logo de começar a fazer tudo”.
3. Contratada.
4. Depende do horário. Chego, vejo as agências e os trabalhos que tiver para fazer. Na equipa de vídeo o trabalho que fazemos depende do horário (a equipa é pequena).
Noticiário de vídeo/ notícias das agências/reportagem própria
5. Sim
6. Não. O contrário.
7. Sim.
8. Não
9. Não.

Inês Rocha

23 anos

Tem carteira

Estágio curricular no JN

Licenciatura no Porto em CC

Tinha 22 anos quando começou

Jornalista – edição de vídeo

1. Estive em Castelo Branco na web tv, onde trabalhava a editora de vídeo da RR, Maria João. Fazia vídeos para promover o orfeão, etc. Posteriormente abriu uma vaga na RR, pois uma pessoa saiu e comecei por substituí-la sendo que depois fiquei a contrato.
2. Há um ritmo muito rápido e não há muito tempo para formar os jovens. Em rádio não tinha experiência, temos de ir atrás e pedir ajuda. Nós é que temos de ir atrás e ter iniciativa própria.
3. Contrato.
4. Filma e edita para o site. Atualidade – lusa e Roiters (às vezes faço peças com as imagens das agências)
E por vezes gravo reportagens.
5. Sim. A RR tem um ambiente fixe e ajuda-me muito. Noto evolução.
6. Não.
7. Sim, espero.
8. Não
9. Não

Matilde Torres Pereira

27 anos

Licenciatura na ESCS

Tem carteira profissional

Na Renascença há 5 anos

Está no online e faz trabalho para a rádio

1. Comecei numa substituição e ocupei o lugar dessa pessoa, cheguei a estar como bolseira a recibos verdes e depois fui contratada (contrato a termo, renovado de ano a ano).
2. Sim. Muitos estagiários, mas não podem contar com eles com um jornalista como os outros.
3. Contratada.
4. De manhã já leio e vejo as capas (revista de imprensa). Depois acompanho os noticiários da rádio. Mas a cada hora vejo o que destacaram, sobretudo se for uma história só da RR e ao mesmo tempo acompanho a agência Lusa.
Vendo os conteúdos ao sapo.
Entrevistas, cortar sons, edição de textos
Vejo o que se passa noutros sites. Reportagens multimédia – vídeo, textos, áudio.
5. Sim, falo com os da direção pontualmente.
6. Agora não, no princípio sim. Mas não é discriminação, é mais proteção da própria rádio. Pois chega a um ponto, em que já querem que se faça tudo.
7. Sim.
8. Não.
9. Tenho, como freelancer em artigos de viagens e traduções para uma multinacional. E estudo no mestrado em Estudos da Cultura e continuo muito interessada em me formar ainda mais.

José Pedro Pinto

26 anos

Licenciatura CC no porto

Estágio curricular na RR

1. Em 2006 tirei a licenciatura e durante a mesma envolvi-me em projetos práticos (site noticioso de futebol com colegas, colaborador na rádio clube de Matosinhos e Rádio e tv do curso). Para além da teoria, tenho a prática. Depois de concluir a licenciatura fui para a RR em Gaia. E estive na equipa da net (Bola Branca) – dois meses estágio curricular, tendo ficado mais três meses. Depois era preciso alguém e contrataram-me. Estive dois anos em Gaia e desde 2011 estou em Lisboa com outras funções no desporto (online durante a semana e no fim de semana relatos).

2. Por vezes, é difícil. São gerações muito diferentes e há um choque geracional (atitude postura). A questão emocional e de lidar com pessoas é diferente. Oitenta por cento estão. Muitos jornalistas acomodaram-se. Os jovens por vezes têm uma perspetiva fresca, ideias válidas, mas que neles provoca outro sentimento “vou tratar mal”.

Há jornalistas que ajudam um jovem a ser um melhor estagiário.

O estagiário se não se sentir parte integrante do grupo, mais se fecha. É importante dar trabalho ao estagiário, para ele errar e aprender com os erros. Se não te sentires motivado, tu vais-te fechar e ser um estagiário passivo.

3. Contratado há 3 anos nos quadros, é efetivo.

4. Quase sempre o mesmo horário.

Durante a semana: Emissão do site – assegura a edição da net. Entrevistas, dobragem de sons, etc.

No fim de semana : coordenar a emissão da Bola Branca e relato.

5. Sim. Esta casa tem esse ADN de valorizar e dar oportunidade. Havendo qualidade, a casa dá oportunidade.

6. Já, às vezes era aquilo que sentia. Quando tentava expressar o meu ponto de vista e tem sido em crescente. É preciso ver que antes, quem cometia os erros eram os seniores.

7. Sim. Estar o dia inteiro em frente a um computador, não era o que sonhava. Quero ganhar experiência e pensar que um dia algo vai mudar. Espero fazer mais coisas em rádio, é o meu objetivo de carreira. Continuar a fazer rádio, o objetivo é chegar a número um, com o tempo.

8. Sim. A classe pode não ser unida globalmente, mas dentro das redações, elas são unidas. Há sempre uma vontade de inserir pior ou melhor. Há colegas que não lidam bem com a entrada de jovens. Nós temos de lidar com problemas e a não aceitação faz parte. O ambiente permite-nos estar inseridos, toda a gente se dá bem o que facilita a inserção.

9. Não.

Diretora adjunta:

Raquel Abecasis

Trabalha na RR há 24 anos. (começou com menos de 30)

1. Em geral, vêm mal preparados tecnicamente... Quando aparece alguém que é bom nota-se. Antes as redações tinham outros cursos de base, agora o curso é de jornalismo, o que não traz grandes vantagens, pois é muito generalista.

2. Curiosidade, iniciativa própria (proatividade), “pica”, vontade de mostrar algo diferente, boa voz e capacidade de escrita criativa.

3. Nos bons – “pica” dentro de si. São poucos os jovens que a têm, mas só vem dos jovens a capacidade de criar dinâmica. “Faz falta sangue novo nas redações”, isso está a tornar “o jornalismo mais cinzento”.

Pior- coisas básicas, como atender um telefonema. Não ler jornais, falta de curiosidade. Apatia, moleza e desinteresse.

4. Deviam saber escrever uma peça, deve-se saber fazer um pouco de tudo. Os jovens são bons a lidar com novas tecnologias (redes sociais, saber montar a parte técnica de montagem...)

5. Sobretudo curricular.

Tem mais ou menos 50. Muitos vêm da Universidade Nova e da Católica.

6. Individualmente, ou com protocolo.

7. O jornalismo é uma questão de gosto, o fundamental não está na técnica, o essencial é gostar.

8. Preparados e necessitados. Faz falta sangue novo.

Antena 1

Em Lisboa - onde funcionam as editorias de especialidade e onde são garantidos praticamente todos os Turnos, à exceção da Manhã 2 que é editada do Porto - trabalham cerca de 40 jornalistas, ou seja, à volta de metade. Mesmo no turno da Manhã 2, está uma equipa de 4/5 jornalistas em Lisboa para garantir as reportagens e outros trabalhos de apoio à Edição (contactos, gravações por telefone, etc) e ainda os noticiários da Antena 2.

Jornalistas:

Mário Galego

30 anos de trabalho, sendo que está há 24 na Antena 1

Atualmente está na editoria Sociedade e faz Grandes reportagens

1. Muito mal formados e preparados, até os que vêm das universidades. Tudo o que é comunicação, ou está lá dentro, ou não está.
2. Saber comunicar e desenvolver. Ler jornais.
3. Tem de ser o mais pluridisciplinar que puder.
4. Ainda têm capacidades. Mas é das últimas coisas com que nos devemos preocupar.

Arlinda Brandão

Está há 21 anos na Antena 1

Jornalista na área da Saúde. Antes era do ambiente, mas acharam que necessitavam de alguém para a Saúde, e que era uma área que necessitava de alguém.

1. Considero o rejuvenescimento importante, porque faz equilibrar a antena em termos de conteúdos. Os jovens, ao não terem experiência, têm uma leitura diferente dos jornalistas mais experientes. O olhar mais "inocente" simplifica as coisas, os jornalistas experimentados, não veem novidade nas coisas.
2. 1º Gostar do meio rádio (os que ficam são os que melhor conseguem transmitir e da melhor forma algo...)

2º Rigor jornalístico, honestidade intelectual. (Existem muitas pressões, é necessário um fundo de valores, princípios, ética, que fazem parte do principal de uma profissão.

3º Vontade de aprender e depressa

4º Ter o dom. Não pode dar como adquirido que consegue.

Muitos dos jovens verdes, falta-lhes a tarimba, mostrar como conseguem conjugar a parte teórica com a prática.

3. Sim. Ter uma formação abrangente, cultura geral, etc. Quanto mais, melhor.

4. Há cada vez mais trabalho e menos gente. Deve-se fazer um esforço. Na Antena 1 o esforço é feito. Mas por vezes, existe vontade e não há tempo para passar conhecimentos.

Jovens:

Frederico Pinheiro

Idade: 29 anos

Carteira profissional: Permanente

Licenciatura: Universidade Nova de Lisboa (UNL) – Ciências da Comunicação

Mestrado: Economia Política e Pública no Instituto universitário de Lisboa (ISCTE)

Estágio curricular na *roitiers* de três meses e um estágio profissional no Sol (esteve 3 anos e meio nos quadros)

Dezembro de 2014 começou e acabou em Agosto, mas pediram extensão...

Trabalha na secção Economia

1. A RTP abriu um concurso para um estágio na secção de Economia e fiquei (através do IEFEP- Instituto de emprego e formação profissional).

Estive na RR um mês em Elvas. Cheguei a ser freelancer na Record. Trabalho no jornal Povo de Guimarães e no Jornal da Guarda.

2. Do ponto de vista do capital humano, existe boa receptividade. Já as próprias empresas não, pois ainda não há capacidade de compreender que um jovem jornalista precisa de acompanhamento regular e de formação, pois os conteúdos dados nas universidades e, tudo, necessitam de adaptações.

3. Estágio do IEF – vínculo temporário

Dois terços da remuneração, que é pública (650euros)

4. 1º - Leio sempre os jornais Público, DN e os jornais Económico e de Negócios. Leio também a imprensa internacional online.

2º - Leio os mails (por vezes são 200) – informação primária

Depois faço o que for necessário, peças, etc

Giro em torno da informação que se poderá aproveitar para a rotina produtiva.

E também vou à procura do que poderá ser uma boa história...

5. Sim. Feedback contínuo positivo.

6. Não.

7. Sim.

8. Não sente.

9. Outra atividade remunerada.

Sandra Henriques

Idade: 29 anos

Carteira profissional: tem

Licenciatura: Faculdade de letras da universidade de Coimbra

Mestrado: não tem

Estágio curricular (pré-bolonha com estágio curricular e foi na antena1), o profissional foi na antena 1 no site e ficou no online (substituiu duas vezes alguém e acabou por ficar)

Trabalha no online

1. Trabalho no online, mas faço também reportagens, se necessário.

2. Esta redação sim. Ajuda as pessoas a sentirem-se bem e estimular o trabalho delas.

3. Contrato sem termo.

4. Seleciono as notícias mais fortes do dia (houve alterações porque o site juntou-se com o de televisão). Ouço os noticiários e vou colocando os áudios online, no facebook e no twitter. E trabalho no site de desporto aos fins de semana. (vai diferindo).

5. Sim, normalmente.

6. Não. Quando se sai em reportagem, sim (colegas)
7. Sim.
8. Não
9. Não.

Miguel Cordeiro

Idade: 22 anos

Fez estágio curricular e profissional na antena 1

Ainda não tem carteira profissional, mas está a tratar

Licenciatura – Universidade católica de Lisboa na vertente de jornalismo

Está há 3 semanas na antena 1 a trabalhar

Está no turno da manhã 1

1. Desde sempre quis jornalismo mas no 12º ano foi por Economia. Tirei a licenciatura e no último ano dela tive a prática o que ajudou. Gosto de rádio mais direta e mais próxima. A faculdade tinha uma rádio feita por alunos (cadeira de rádio, com um programa semanal). Estive na Antena 1 três meses a fazer estágio curricular e fiz um segundo estágio mais três meses. Em Maio tive contrato de prestação de serviços com a Antena 1 (recibos verdes).

2. Durante o estágio, no início toda a gente está interessada no que estás a fazer. Querem ouvir... e ainda mais se o estagiário estiver sempre a perguntar o que é que há para fazer. Se a pessoa demorar, já é diferente. Têm de se entregar ao trabalho e esforçar-se. “Eu tive peças que foram para o ar no estágio curricular, é preciso ganhar confiança”.

3. Recibos verdes nove meses, descontar IRS (25%) e sem privilégios.

4. Às 5:30 horas da manhã entro, leio jornais na reunião ... A partir das 5:30 h começo a fazer contactos, vejo as peças do dia anterior e às vezes vou em reportagem (já no estágio profissional ia). O mais difícil é entrar nos turnos. No fim do mês já me sentia valorizado. Sento-me valorizado pois a seção de Sociedade e equipa da tarde (prova de fogo – a tarde é muito importante), queriam que ele fosse contratado. Se mostrares que queres trabalhar, as pessoas acabam por confiar.

5. Sinto, faço propostas de notícias que eles não sabiam. A própria dinâmica dos jovens é valoriza. As conferências e eventos das universidades podem ser relevantes.
6. Mais proteger do que descriminar. Não temos nada para fazer... Se calhar dá a outra pessoa, porque vai pensar que tu não sabes, por exemplo, área do direito.
7. Pretende.
8. Não. Com ele próprio.
9. Não. Tem uma banda.

João Torgal

Idade: 30 anos

Carteira profissional de estagiário

Prestação de serviços

Estágio curricular e profissional não em jornalismo

Licenciatura em Matemática e mestrado em ensino de matemática.

Mestrado em jornalismo Faculdade de ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa)

1. Fiz um estágio de seis meses na Antena 1 e contactaram-me.
2. Sim. Ótimo e fundamental.
3. Recibos verdes.
4. É sempre diferente. Mas basicamente faço o trabalho a pensar na manhã seguinte (turno da manhã 1)
5. Sim
6. Não
7. Sim
8. Não. Gostava de ter um vínculo mais estável.
9. Não. Dj nas horas vagas e faço quizzes.

Subdiretora:

Maria de São José

Trabalha há 10 anos na antena 1

1. Positiva. Favorável ao rejuvenescimento das redações, pois trazem novas visões e uma nova forma de olhar para a informação. Desde de que devidamente orientados, eles veem novas formas de olhar, quando eles são proactivos, ensinam-nos imenso. (Aprendemos com eles). Os jovens fazem-nos olhar para os assuntos de uma forma diferente, pois eles não têm vícios.

Ensina-se muito mal e pouco, sobre o que deve ser a escrita em rádio. Tentar não ler, o escrever como se estivéssemos a falar – texto oral.

2. Atento à informação. Ser informado, ler jornais, ouvir a sua própria rádio e as outras, conhecer assuntos (e procurar a informação se não a tiver). O maior erro é não perguntar. Ser proactivo e procurar apresentar ideias ...

3. Negativa – falhas ao nível da comunicação, cuja base é o texto, a escrita para rádio. Era importante as universidades procurarem jornalistas em todas as áreas. Deviam procurar fazer uma ponte com as empresas. Na parte prática, deviam procurar isso.

4. Sim. Quanto mais áreas os jovens dominarem, melhor. (atento, informado, ler jornais). Quanto mais informação procurarem nos jornais, mais terão informação. Conhecimentos informáticos, regra geral, vêm. Técnicas de som, etc.

5. Curricular - não podem ir à antena, mas no treino é muito acompanhado. (dos 15 aos 20 anos). Aprende muito. Nos estágios profissionais o acompanhamento é diferente, pois já houve um processo de seleção pelo IEFP. Nos estágios profissionais uns procuram e outros estão a procurar.

6. Estagiários profissionais neste momento através do IEFP.

7. Depende dos casos. Os profissionais estão satisfeitos. São seleccionados, fazemos testes e fazem simulações.

8. Está, a própria redação é muito atenta a isto. Está muito bem organizada e tem os jornalistas divididos. Excelente equilíbrio entre os seniores e os jovens (muito abertos a receber os jovens e sabem que podem aprender com eles, rotinados, mais memória, maior capacidade de redação e experiência). Julgo que a redação tem uma boa capacidade de receber os jovens e de os acompanhar.

A pessoa tem de crescer de uma forma faseada, ler muito e ouvir muito.

TSF

Em Lisboa existem cerca de 50 jornalistas, a que se juntam ainda os técnicos, os animadores e o secretariado.

Jornalistas:

Nuno Domingues

Está a terminar o quinto ano na TSF, em Setembro. (trabalhei, antes, 15 meses, em 2010/2011). Editor da TSF.

1. Depende, mas genericamente têm pouca noção do que é a dinâmica de uma rádio de informação, e das prioridades dos temas informativos.
2. Interesse e conhecimento geral da(s) atualidade(s). Intranquilidade como mundo, questionar tudo, curiosidade. Disponibilidade para lidar com tecnologia. Rigor.
3. Sim, acho ser importante.
4. Não. As redações têm pouca gente, que mal chega para assegurar trabalho mínimo. Os jovens que entram na redação ficam desamparados, e se não tiverem vontade e competência (inata ou adquirida), vêm dificultada a aprendizagem.

Helena Vieira

Trabalho na TSF há 25anos

Editora da TSF.

1. Há estagiários que chegam às redações muito "verdes". Muita teoria, mas nenhuma prática e isso reflete-se no modo de pensar as notícias e de as elaborar e apresentar em antena. A oralidade é essencial e muitos candidatos à profissão, na rádio, não têm essa perceção.

Outra falha que deteto, sem querer generalizar, é a fraca cultura geral dos estagiários. Às vezes até alguma ignorância sobre o que se passa no Mundo. Têm no entanto a grande vantagem de lidarem bem com as novas tecnologias, são frequentadores de todas as redes sociais e isso dá-lhes ferramentas, que se forem

bem usadas, podem ser muito úteis. Ainda assim, a leitura dos jornais, seja em papel ou online é obrigatória e já tive um estagiário que me disse que não lia jornais porque "não gostava".

2. Para se exercer a profissão de jornalista tem de se ter, antes de mais, muita curiosidade sobre tudo o que nos rodeia. Querer perceber, ouvindo os protagonistas e explicar, procurando os mais capazes. O rigor e a perseverança são também qualidades indispensáveis. E a humildade também nunca fez mal a ninguém.

3. Sim, considero.

4. As redações, por estarem cada vez mais curtas, com menos gente, não estão, efetivamente, preparadas para receberem os estagiários. Os editores e jornalistas seniores têm cada vez menos tempo para fazerem o necessário acompanhamento. Costumo no entanto dizer que também se aprende muito a ver e a ouvir como se faz. E no final do turno há sempre margem para esclarecer dúvidas. A redação da TSF, ao contrário de outras, não explora o trabalho dos jovens que aqui vêm estagiar. Eles quando saem para uma reportagem vão sempre a acompanhar um jornalista da casa para ver como ele faz. O estagiário não sai, sozinho, para recolher sons ou para fazer uma reportagem, por mais simples que ela possa parecer. No regresso à redação o estagiário elabora a sua peça e edita sons e passa depois ao estúdio de gravação para "ler" o seu trabalho. Mas tudo isto faz parte dos muitos exercícios que o jovem candidato a jornalista terá que fazer nos primeiros meses numa redação e eventualmente repetir se experimentar os vários meios, jornais, televisão e rádio.

Jovens:

João Alexandre

Idade: 29

Carteira profissional: sim

Licenciatura: pré-Bolonha na faculdade de letras da universidade de coimbra

Mestrado: não

Estágio curricular: Media Capital rádios (rádio clube português, m80, best rock fm)

Estágio profissional: não

1. Trabalho na TSF desde Março de 2010. Soube que estavam à procura de duas pessoas para o trânsito e para a agenda, mas que tivessem o curso de jornalismo e tivessem frequentado o CENJOR. Tinha terminado a licenciatura há cerca de dois meses, fui à entrevista e acabei por ficar no departamento de trânsito durante três ou quatro meses até passar efetivamente para a redação. Antes disso, passei pela rádio universidade de Coimbra, onde fiz cursos de programação e de informação, e escrevi sobre música para um site chamado rascunho.net.
2. Pela minha experiência, as redações estão preparadas para receber jovens candidatos caso se encontrem numa fase relativamente avançada do desenvolvimento enquanto aprendizes de jornalista. Ou seja, as redações, cada vez menos preenchidas e cada vez menos disponíveis para acompanhar, apoiar ou avaliar os jovens candidatos, estão receptivas a seguir um jovem jornalista que já tenha alguma experiência, mas muito pouco preparadas para ser parte do desenvolvimento de alguém acabado de sair de uma faculdade, numa fase muito embrionária e muito pouca experiência.
3. Quanto ao vínculo laboral, neste momento estou com contrato sem termo. Além disso, faço serviços para a mesma rádio, a TSF, em regime de recibos verdes.
4. Não sei se percebo muito bem a questão das rotinas de produção, mas, no que diz respeito ao meu trabalho, é muito variável, posso fazer três ou quatro peças de rádio por dia ou nenhuma, em casos pontuais. O facto de pertencer à equipa de política, com horários e rotinas muito particulares, faz com que seja difícil responder de uma forma mais clara.
5. Sinto-me valorizado, enquanto jovem jornalista, ainda com uma experiência muito reduzida, quando comparado com uma redacção com uma média de idades relativamente elevada. A idade e experiência nunca foram um problema. Tudo se resume ao trabalho que apresentas.
6. Nunca senti nenhum tipo de discriminação, apesar de, fora da redacção, em serviço, o facto de seres muito jovem poder levar a que o teu trabalho seja desvalorizado por aqueles com quem tentas obter notícias. Ou seja, as fontes. Torna-se mais complicado, apesar de não impeditivo de poderes fazer um bom trabalho.
7. A minha perspectiva é seguir carreira em Jornalismo e, mais especificamente, em rádio.
8. Quanto aos problemas de inserção, neste momento não há qualquer problema, a não

ser o sentir que há cada vez menos espaço mas redações para reforçar os recursos humanos, o que acaba por levar a que os, por vezes, poucos recursos se tenham de desdobrar em várias tarefas.

9. Apenas tenho este trabalho.

Subdiretor:

Pedro Pinheiro

Estou na TSF desde Agosto de 2000, há 15 anos.

1. Se a pergunta é colocada de um ponto de vista meramente editorial, da mesmíssima forma que vejo os "seniores", sem qualquer tipo de distinção.
2. No essencial, e deixando de lado as características comuns ao exercício do jornalismo (e qualquer que seja o meio em que ele é exercido): dominar a linguagem própria do meio rádio e não ter problemas em lidar com a pressão própria do meio.
3. Nos anos mais recentes, não temos contratado muitos jornalistas com menos de 30 anos. A análise que faço está por isso essencialmente relacionada com os estagiários que têm passado pela TSF.

Falhas: muitos casos de desconhecimento quase absoluto da linguagem própria do meio rádio; pouca informação sobre o momento actual do país e do mundo; e informação residual sobre a "história" - mais ou menos recente - do país e do mundo. Surpresa: o facto de tantos anos depois de ter "nascido", e em tempo de linguagens aparentemente mais apelativas, existirem ainda muitos jovens que é na rádio que pretendem fazer carreira jornalística.

4. É uma inevitabilidade... Mas é essa a formação que recebem hoje - uma formação multimédia. Saber fazer, por exemplo, uma notícia para rádio, mas saber também que no online ela terá que ter uma outra "roupagem", adaptada ao meio, e onde se cruzam, ou podem cruzar: texto, som, vídeo, infografias, etc.

5. Em 2015, deixámos de receber estagiários e precisamente porque a redacção da TSF deixou de ter uma disponibilidade de meios humanos capazes de responder com dignidade ao necessário apoio que deve ser dado a um estagiário. Até essa altura, até ao final do ano passado, recebíamos em média cerca de 10 estagiários por ano, e todos eles estagiários curriculares.

6. Nos anos mais recentes, e repetindo-me, não temos contratado muitos jovens. Mas sempre que os contratamos: ou é por ter estagiado cá e ter demonstrado qualidades; ou através de currículo/portfólio enviado para cá; ou por indicação de algum jornalista da TSF e/ou de algum professor universitário.

7. -----

8. -----

Apêndice III

Perguntas estruturadas aos académicos/jornalistas na área

(Luís Bonixe, Isabel Reis e João Paulo Meneses)

1. Quais pensa serem os principais motivos de não existirem muitos jovens nas principais redações de jornalismo radiofónico em Portugal? (já fui às três redações e, de facto, os números são diminutos)

2. Denota que os jovens, como alunos, têm vindo a interessar-se cada vez mais pelo meio rádio?

3. Da experiência que tem, quais principais falhas que os jovens têm apresentado, como profissionais ou estagiários? E em que aspetos têm conseguido surpreender mais pela positiva?

4. Quais as características fundamentais que um jovem deve ter para exercer jornalismo na rádio?

Luís Bonixe

1. Não tenho números quanto a essa realidade, mas se assim for (e não duvido que seja) uma das explicações terá certamente a ver com a falta de investimento que as empresas de rádio têm feito no sentido de renovarem as suas redações. Claro que as próprias empresas enfrentam constrangimentos financeiros o que as impede de o fazer.

2. O que noto é um enorme desconhecimento dos jovens (e não só) sobre a rádio enquanto meio, as suas potencialidades e possibilidades. A minha experiência diz-me que quando os alunos conhecem o meio, interessam-se por ele. Todos os anos, a rádio é um dos meios mais escolhidos pelos alunos do curso que leciono para fazerem os seus estágios curriculares.

3. É uma questão muito abrangente. Mas, do feedback que me vai chegando das empresas onde os alunos estagiam, as principais dificuldades têm a ver com a definição daquilo que deve ser objeto de notícia. Demonstram alguns problemas em construir uma notícia de acordo com o pretendido, pelo menos em algumas redações. Pela positiva, a preparação técnica, no caso da rádio a construção da notícia (sintética, concisa) e o isolamento do som (registo magnético).

4. Diria para exercer jornalismo: curiosidade, lealdade, rigor, espírito crítico. Na rádio, ter boa voz ajuda, mas já não é assim tão determinante.

João Paulo Meneses

1. A principal razão é económica. Penso que o interesse dos jovens pela rádio não diminuiu e não será isso que explica a falta de gente jovem nas redações, mas sim o facto de não haver contratações nos últimos anos. E quando é preciso mesmo admitir um profissional, por estar a fazer muita falta, tendencialmente será alguém mais veterano, para poder desempenhar imediatamente as funções que estão em falta.

2. Nem mais nem menos do que há cinco ou dez anos. Contacto com jovens nas aulas de jornalismo radiofónico e na redação da TSF há 20 anos. Vale o que vale (é uma constatação empírica) mas não sinto perda de interesse.

3. Não consigo generalizar a ponto de dizer que há sinais uniformes ou tendências. Depende muito de cada pessoa. Uns são bons (porque têm características que o potenciam), outros têm de se esforçar mais ou nem assim.

4. Na rádio ou noutro meio. Não me parece que haja características idiossincráticas para se trabalhar na rádio. Que características? Junto texto retirado do livro que escrevi em 2003 ("Tudo o que se passa na TSF") e que responde, penso, à sua pergunta.

Isabel Reis

1. Nos últimos anos as redacções têm 'emagrecido', ou seja, se se dispensam jornalistas, se o espaço da informação se reduz, se se encerram delegações e emissões regionais, se se automatizam períodos de emissão, é natural que não entre gente nova. Apesar de os jornais e as televisões só mais recentemente sentirem uma diminuição na publicidade (principal fonte de financiamento dos media e em especial da rádio), a verdade é que no sector da rádio a fonte de receitas vinda da publicidade entrou em linha descendente no início deste século, e o corte chegou a rondar os 50 por cento. Isso tem consequências, não havendo um suporte financeiro as rádios têm de repensar os conteúdos, a programação, os investimentos, os gastos, e tudo o que isso implica a nível de recursos humanos. Além disso, há a convicção de que as audiências querem ouvir sobretudo música e poucas notícias. Quero com isto dizer que nos últimos anos houve um conjunto de factores que contribuiu para o esvaziamento das redacções das rádios e, por consequência da não renovação dos seus quadros.

Mesmo assim, algumas têm-se renovado, mas através do online, porque os recém-formados possuem competências a esse nível.

2. De todos os meios será um dos que menos conhecem, pelo menos à primeira impressão. O facto da rádio ser um meio de escuta secundária contribui muito para os estudantes nem sempre se lembrarem que efectivamente escutam rádio. À pergunta 'ouvem?', respondem muitas vezes 'Não', mas quando começamos a desenvolver a conversa afinal até ouvem: no carro, quando estudam, ou para o futebol...

Quando comecei a dar aulas, há pouco mais de 10 anos, os estudantes ouviam, conheciam os jornalistas de rádio e os animadores, os programas e logo que podiam faziam os seus próprios programas ou desenvolviam projectos de rádio na Internet. Se convidava algum nome da rádio para vir ao curso tinha o anfiteatro cheio.

Progressivamente a situação foi-se alterando até chegar uma altura em que tinha a sensação de estar a falar de rádio pela primeira vez com muitos dos estudantes do 1º ano, o que é um contra-senso porque estavam num curso de jornalismo. Mais recentemente noto uma mudança. Os estudantes ouvem rádio, ainda pelo FM, sobretudo, mas também no computador ou no smartphone, vão variando consoante a situação e o dispositivo que têm disponível. Não são fiéis a uma rádio, mas ouvem várias. Mas poucos sabem nomes de jornalistas, animadores ou de programas. Mesmo assim mantêm algum fascínio pelo meio, embora a ideia romântica de como se faz um programa de rádio não corresponda de todo à realidade actual das rádios em que tudo é programado ao segundo.

3. No que diz respeito ao jornalismo radiofónico, a maior dificuldade enquanto estudantes é aprender a escrever para rádio. Estão habituados a uma escrita impressa e têm muita dificuldade em adequar-se à estrutura e à linguagem radiofónica, têm dificuldade em ser sintéticos, e, em dizer muito com poucas palavras. Mesmo sabendo escrever para rádio quando chegam às redacções deparam-se com as 'particularidades': as directrizes específicas de cada rádio quanto à escrita; o estilo personalizado de cada editor - porque em rádio cada um escreve para si próprio, para o seu ritmo de leitura, para a sua respiração, para a sua entoação, para as suas especificidades - e cada notícia é uma marca, tem a identidade de quem a escreve e diz ao microfone. Então, é difícil o estagiário perceber onde erra, como fazer...

Outra dificuldade: sensibilidade auditiva - ou seja, aprender a ouvir. Aprender porque essa capacidade perdeu-se, os jovens são 'visuais' e, por vezes, têm dificuldade em identificar e interpretar os sons que os rodeiam e de como podem ser potenciados na narrativa radiofónica, nomeadamente na jornalística.

Os estagiários dizem que o mais difícil é trabalhar com a pressão do tempo - a rádio é o meio do imediato, tudo é para ontem, e de facto lidar com a pressão e definir prioridades quando o tempo é escasso não é fácil para quem começa, mas isso é algo que só a prática resolve.

4. Fundamental - ouvir, escutar, ouvir - saber lidar com o som - rádio é som - se não souber usar os sons que nos rodeiam em proveito da mensagem radiofónica não vale a pena ir para rádio.

Frieza para lidar com o inesperado e os directos e ter uma noção muito clara das prioridades. Ter capacidade para assumir as decisões erradas tomadas sob pressão do tempo e aprender com elas para não errar outra vez.

Ouvir-se para perceber onde melhorar, o que mudar.

Capacidade de improviso.

Há um aspecto que não é exclusivo da rádio - ler jornais, ver telejornais, ouvir noticiários, ir à informação online - estar informado, estar actualizado - sem isto não se é nem se pode ser jornalista.

Ser curioso. Querer aprender e saber mais. Ser humilde (podemos fazer um directo brilhante às 16h e uma hora depois fazer o directo mais catastrófico da nossa vida). Questionar, questionar, questionar - o jornalista não é pé de microfone, pensa, interpreta - pergunta - não ser tímido não ter medo de perguntar.